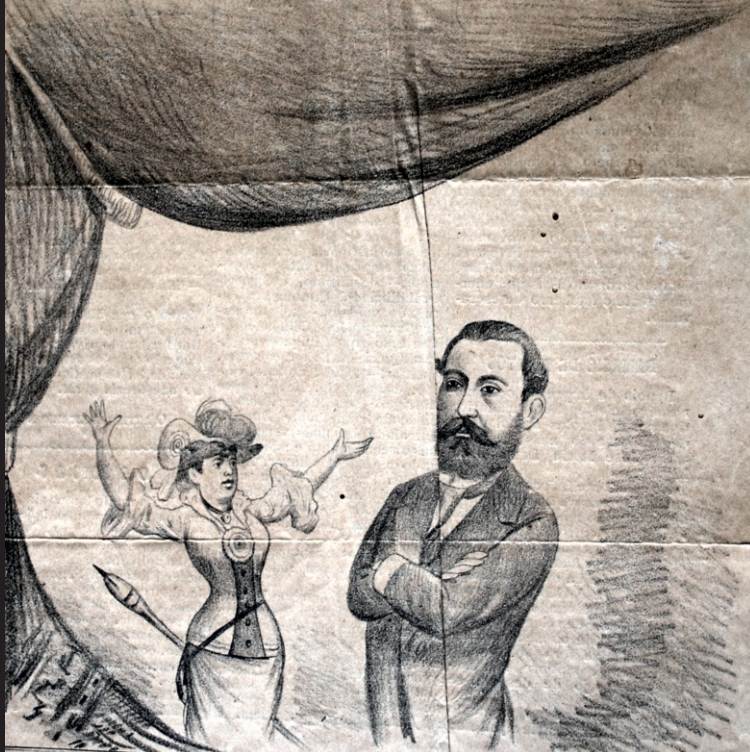




Liras satíricas:

*o texto poético nas páginas da
Comédia Social (Rio Grande, 1887-1888)*

LUCIANA COUTINHO GEPIAK

9



CIDH

Cátedra Convidada FCT /Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



**Liras satíricas: o texto
poético nas páginas da
Comédia Social (Rio
Grande, 1887-1888)**



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Carlos Carranca

- Universidade Lusófona -

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos

- Universidade do Vale do Rio dos Sinos -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra Infante Dom Henrique (CIDH) -

José Eduardo Franco

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Vania Pinheiro Chaves

- CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Luciana Coutinho Gepiak

**Liras satíricas: o texto
poético nas páginas da
Comédia Social (Rio
Grande, 1887-1888)**



CIDH

Cátedra Convidada FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2017

**DIRETORIA DA CÁTEDRA INFANTE DOM HENRIQUE
PARA OS ESTUDOS INSULARES ATLÂNTICOS E A
GLOBALIZAÇÃO**

Diretor: José Eduardo Franco

Diretor-Adjunto: João Relvão Caetano

Secretária: Aida Sampaio Lemos

Tesoureira: Joana Balsa de Pinho

Vogais: Maurício Marques, Paulo Raimundo e Carlos Carreto

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil

Vice-Presidente: Francisco das Neves Alves

Diretor de Acervo: Mauro Póvoas

1º Secretário: Paulo Somensi

2º Secretário: Luiz Henrique Torres

1º Tesoureiro: Valdir Barroco

2º Tesoureiro: Roland Pires Nicola

Ficha Técnica

- Título: Liras satíricas: o texto poético nas páginas da *Comédia Social* (Rio Grande, 1887-1888)
- Autora: Luciana Coutinho Gepiak
- Coleção Rio-Grandense, 9
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Agosto de 2017

ISBN - 978-85-67193-15-1

SUMÁRIO

Introdução (7)

Matérias editoriais poéticas (16)

Crítica social e de costumes em poesia (24)

Pasquinadas em versos (41)

Liras de emoções (49)

Anúncios versificados (59)

Considerações finais (77)

Referências bibliográficas (79)

Introdução*

As relações entre literatura e imprensa periódica são históricas. Por muito tempo, os periódicos serviram como principais meios de difusão de trabalhos literários, atuando como mecanismo fundamental para a expansão do hábito da leitura e servindo como estímulo para aqueles que pretendiam divulgar seus escritos. Inicialmente, os textos da lavra de literatos tinham uma participação complementar, preenchendo lacunas nas páginas dos jornais ou visando a oferecer uma alternativa às matérias informativas e opinativas, às vezes encarados como uma forma de entretenimento. Progressivamente tais textos começaram a ganhar significativa força, vindo a ser incorporados definitivamente ao conjunto editorial das publicações periódicas e até mesmo atuando como um atrativo e uma potencial maneira de ampliar o consumo da leitura, por meio do prestígio das colaborações originadas do meio intelectual.

Nesse sentido, textos literários foram usados em grande quantidade nos periódicos, fossem os tradicionais político-comerciais, fossem àqueles destinados especificamente à divulgação literária. Mas não só em meio a estes casos, pois as mais variadas ramificações da imprensa também lançaram mão de material literário,

* Luciana Coutinho Gepiak é aluna do Mestrado em História da Literatura, Programa de Pós-Graduação em Literatura, FURG. Livro elaborado a partir da ampliação do trabalho desenvolvido na disciplina Literatura, fontes primárias e periodismo, ministrada pelos Profs. Drs. Francisco das Neves Alves e Mauro Nicola Póvoas – Programa de Pós-Graduação em Letras – FURG.

independente das especificidades e da especialização de cada publicação. Assim, a literatura se fez presente não só nos diários noticiosos, nas revistas literárias e nos tantos representantes da imprensa especializada – voltada a determinados segmentos socioeconômicos, como proprietários, operários, religiosos, militares, maçons, entre tantos outros – como também marcou presença num setor que ganhou muito espaço ao longo do século XIX, representado pela imprensa satírico-humorística e caricata.

A imprensa voltada ao humor ganhou o gosto do público leitor em termos mundiais e tal prática jornalística acompanhou também a evolução do periodismo brasileiro. Ao longo do século XIX, notadamente na sua segunda metade, o Brasil viu nascer uma grande quantidade de publicações humorísticas e/ou ilustradas, cujos padrões editoriais eram predominantemente voltados a um jornalismo crítico-opinativo e essencialmente jocoso (SODRÉ, 2007, p. 215-221; LIMA, 1963). Tal expansão também se daria na província do Rio Grande do Sul, surgindo publicações caricatas e satíricas, especialmente nas três principais cidades gaúchas de então – Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. A cidade do Rio Grande teve uma imprensa bastante desenvolvida à época, inclusive no que tange aos caricatos, caso do *Amolador*, do *Diabrete*, do *Maruí* e do *Bisturi*, os mais conhecidos (FERREIRA, 1962, p. 153-195). Mas outros títulos do mesmo gênero também se fizeram presentes nesta localidade, como foi o caso do semanário humorístico *Comédia Social*.

Surgida em 2 de outubro de 1887, a *Comédia Social* começou a circular como um típico jornal caricato, dividindo suas quatro páginas meio a meio entre a parte textual e aquelas destinados aos desenhos. Apresentava-se como uma “folha ilustrada”, tinha “tipografia própria e era assinada por 4\$000 (trimestre), 8\$000 (semestre) e 15\$000

(ano)”, além de oferecer o número avulso por 500 réis. A publicação complementava sua arrecadação com a oferta de serviços, propondo-se a realizar “todo e qualquer trabalho de tipografia e litografia”. O periódico “não identificava seu proprietário ou o responsável pela redação, o que era, naquele momento, contrário à lei”. Além dos desenhos caricaturais, apresentava “seções literárias e de humor, com piadas e charadas” (ALVES, 1999, p. 217-218).

A partir de abril de 1888, a *Comédia Social* passou por uma mudança de formato, deixando de publicar desenhos e voltando suas quatro páginas à edição de textos. Apesar da mudança de configuração gráfica, a *Comédia Social* não abandonou, entretanto, a característica satírico-humorística, passando a intitular-se no cabeçalho como “folha literária, crítica e humorística”. Os valores da assinatura também foram alterados, com uma redução, ficando a anual por 10\$000, a semestral por 5\$500, a trimestral por 3\$000, e 300 réis o número avulso. Continuou não identificando os responsáveis pela edição, embora, desde então, tenha declarado que era impressa na Tipografia da *Comédia Social* de Pinto Monteiro. Os dois diferentes formatos do hebdomadário ao longo de sua existência podem ser observados na Figura 1.

Como autêntico representante da pequena imprensa, o periódico teve amplas dificuldades para sobreviver, havendo inclusive falhas na circulação. Tantos obstáculos levaram a uma curta existência, tudo indicando que ela não circulou além de agosto de 1888, não chegando, portanto, a um ano completo de edição. Esta “curta sobrevivência não diminui a importância e o significado da pequena imprensa, a qual marcou sua presença na formação de hábitos e mentalidades”, além de exercer “influência nas maneiras de agir e pensar e, enfim, prestou sua contribuição para moldar a opinião pública” (ALVES,

1999, p. 364). Foi o caso da *Comédia Social*, aqui pesquisada através dos dezessete exemplares remanescentes na hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense.

Tal coleção abrange a numeração de 1 a 44 da *Comédia Social*, compreendendo o período de 2 de outubro de 1887 a 19 de agosto de 1888, com a presença dos números 1, 2, 4, 7, 12, 16, 27, 28, 30, 33, 35, 36, 38, 39, 40, 41 e 44. Ainda que se trate de um conjunto incompleto e fragmentário, com base nele é viável uma compreensão das principais características editoriais do semanário satírico-humorístico. Assim, a partir da coleta desses fragmentos e a sua posterior organização, apesar da falta de continuidade, torna-se possível “a chance de uma mirada sincrônica que traz, consigo, possibilidades novas e menos viciadas de se estudar o campo literário” (PÓVOAS, 2012, p. 364).

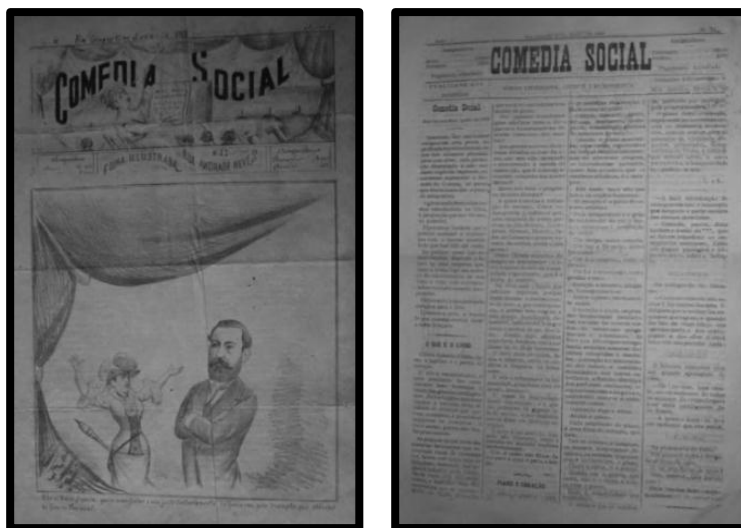


Figura 1

Como folha caricata e/ou satírica, a *Comédia Social* sustentou um discurso fortemente opinativo, embasado no humor e na crítica, utilizando-se para sustentar tais fundamentos discursivos das mais variadas estratégias textuais e gráficas. Como um representante da pequena imprensa, a folha humorística apresentava um discurso que se antepunha à imprensa diária, normalmente caracterizada como praticante de um jornalismo sério e representada por jornais com melhor organização comercial, mais perenes e longevos. Nesse sentido, aos jornais diários cabia “o uso das linguagens ‘sérias’, unívocas, os discursos consistentes e monolíticos”, ao passo que à pequena imprensa restavam “as equivocidades de todo gênero, a piada, o trocadilho, o humor e a poesia” (EPSTEIN, 1993, p. 125).

Assim, “a pequena imprensa, de modo geral, caracterizou-se pelos discursos ambíguos e paradoxais”. Ainda “que em detrimento da manutenção de suas bases comerciais”, tais periódicos “estiveram na maioria dos casos ligados às várias formas de contestação, lançando mão de pronunciamentos marcados pelo debate, pela polêmica, pelo humor, pela sátira, e, fundamentalmente, pela crítica”. Os pequenos jornais, “ao não se vincular ao senso comum que norteava as publicações diárias”, desenvolveram “condutas que se constituíram em verdadeiro paradoxo discursivo”. Com base neste “discurso paradoxal, foram utilizadas as mais variadas formas de expressão escrita e gráfica”, bem como “figuras de linguagem e construções discursivas encravadas no simbólico, na busca de apresentar a informação/opinião e de convencer o público leitor” (ALVES, 2001, p. 153-154).

A *Comédia Social* trilhou tais caminhos, utilizando-se, em sua primeira fase, de desenhos debochados, corrosivos e desafiadores e, tanto nesta quanto na sua

segunda etapa de existência, já sem as páginas ilustradas, de textos carregados de humor, fosse ele refinado, irônico ou escrachado. Com o fito de apresentar o jocoso, o semanário usou formas, figuras e simbolismos os mais variados e uma de suas principais marcas editoriais foi a intensa utilização de textos poéticos em suas páginas. Assim, o periódico humorístico reproduzia com intensidade uma prática comum a muitas das publicações de então.

Nessa época, “a poesia foi usada em larga escala e com os mais variados objetivos pelos jornais que viam nesta estrutura uma forma de apelo visual e linguístico e de atração dos leitores”, de modo que ela “foi utilizada de maneiras as mais diferenciadas pelos periódicos”. Em tal caso estiveram as folhas satírico-humorísticas “que se apropriavam da poesia para os mais variados usos (e abusos)”. Nesse sentido, “escrever em versos, por meio da palavra ritmada, significava uma estratégia discursiva utilizada com os mais variados fins e de forma constante” (ALVES, 2001, p. 154) por muitos dos representantes do jornalismo do século XIX.

A poesia, em suas origens etimológicas traz em si o significado relativo ao “ato de fazer algo”, derivando-se daí “a ideia de ação e criação”. Ela pode estar vinculada a um “conteúdo lírico ou emotivo”, à “recriação lírica da realidade” e à “linguagem conotativa”, tendo em vista a capacidade das palavras “de sugerir ideias, visões, imagens, por meio das imitações sonoras, melódicas e rítmicas”. O texto poético apresenta o verso, que “é uma linha de sentido completo ou não, que constitui a unidade rítmica de um poema”, e, em cuja definição “estão incluídos dois de seus aspectos fundamentais: o gráfico (uma linha) e o sensório (o ritmo)” (TAVARES, 1974, p. 162-163, 167).

São vários os elementos formais que compõem a poesia, tais como o ritmo, a rima, a métrica, entre tantos outros, cujas características têm variado ao longo do tempo e em meio às diferentes escolas literárias. A utilização da poesia pelos jornais, entretanto, nem sempre levou ao pé da letra o formalismo, havendo muito mais um uso prático dos versos, de modo a transformar o texto em algo mais palatável, a partir de tons rítmicos e melódicos. Tal perspectiva pode levar em conta que o texto poético constitui em si, como linguagem, “uma estrutura verbal, de leitura centrípeta, que integra a *léxis*, com os seus elementos rítmicos e sonoros e imagens, à ordem dos significados” (NUNES, 2009, 101-102).

Os textos literários, incluindo aqueles com formato poético, trazem em si “um discurso específico”, pois, ao contrário de outros tipos de textos nos quais “o autor seleciona e combina as palavras geralmente pela sua significação”, naqueles ocorre o acréscimo de “uma outra operação”, uma vez que “a seleção e a combinação de palavras se fazem muitas vezes pelo parentesco sonoro”. Assim, “o texto literário adquire certo grau de tensão ou ambiguidade, produzindo mais de um sentido”. Em outras palavras, este texto implica em uma “plurissignificação”, pela qual “cabe ao leitor ler, reler, analisar e interpretar” (GOLDSTEIN, 1994, p. 5-6).

Nesse sentido, os versos ficam demarcados a partir de um “domínio entre a análise e a interpretação”, de modo que tais textos “são produzidos para chegar a determinados leitores” e “de determinada maneira” (KLOEPFER, 1984, p. 175). Dessa maneira, o texto versificado compreende uma interpretação que “pode ser vivida ou contextual”, de modo que é da “confrontação do sentido do discurso com a realidade, seja esta conhecida pela experiência direta ou por outro discurso”, que se

derivam as “conotações e figuras” presentes na poesia (LEFEBVE, 1975, p. 156-157). Assim, quando a interpretação dos textos em forma poética pode se fazer “intensamente no arquivo da história das representações e das mentalidades”, de maneira que “uma saída contextualizante” tende a ser a mais viável (BOSI, 1996, p. 41).

Ainda que tenha aparecido nas páginas dos periódicos a poesia em sua forma mais clássica, trazendo escritos de autores canônicos, ou reproduzindo os modelos de “fazer versos” de cada época, quando o jornal se apropriava do texto poético, muitas vezes utilizava-o de forma mais livre e, mesmo que alguns conceitos formais fossem respeitados, o mais importante era passar a mensagem desejada. Essa liberdade prende-se ao fato de que “a poesia tem sua própria ordem que dá prazer, de modo que não há necessidade de perguntar a respeito do sentido”, uma vez que “a organização rítmica permite à linguagem ficar sob a guarda da inteligência e se alojar na memória mecânica” (CULLER, 1999, p. 80).

Nas páginas da *Comédia Social* houve as mais variadas maneiras de utilização do texto poético, em grande parte associado ao conteúdo crítico, satírico e humorístico que caracterizava o plano editorial do periódico, não deixando também de haver a inserção de poesias não necessariamente ligadas ao gênero jocoso da folha. As autorias eram as mais variadas, aparecendo desde o anonimato até a utilização de grande quantidade de pseudônimos, muitos de inspiração espirituosa, conforme as características do próprio semanário – que por si só já era demarcado pela não identificação dos responsáveis pela sua edição. Além disso, autores mais conhecidos ou consagrados também tiveram suas poesias publicadas na *Comédia Social*.

Nessa linha, os textos poéticos insertos no hebdomadário foram assinados com nomes, sobrenomes, apelidos ou pseudônimos, cujas identidades ficaram perdidas no tempo, como K. Fagestes, Mefistófeles, Silveira Cacete, Corujão, Max, Carvalhinho, Heitor, Eusébio, Daniel, Dr. Malaquita, Barão da Praia, Leão Dourado, Carvalho Leproso, Joaquim P. Tamanco, Amorim, Telles, Luiggi di Luiggi, Juca Bagual, O Compadre Barbosa e Dr. Rocambebe. Também apareceram autores reconhecidos como os brasileiros Luiz Guimarães Júnior, Adelino Fontoura, Virgílio Várzea e Vicente de Carvalho, e os portugueses Antero de Quental e Santos Valente.

Dessa maneira, os textos poéticos – não necessariamente observados como a concepção artística formal que cerca a poesia em si e sim como uma criação, na maioria das vezes pragmática e utilitarista – preencheram muitas das páginas da *Comédia Social* e foram utilizados das mais variadas maneiras e em diferentes situações. Em linhas gerais, as poesias serviram para que o periódico repassasse ao público suas informações de linha editorial e mesmo os serviços oferecidos pela sua oficina, bem como para realizar a crítica social e de costumes, tão típica dos semanários humorísticos de então, para levar em frente algumas práticas que bem lembravam a pasquinagem, para pronunciar algumas mensagens de ordem sentimental e mesmo para expressar a matéria publicitária publicada em suas páginas.

Matérias editoriais poéticas

Nas matérias editoriais, o periódico assumia figurativamente a primeira pessoa do singular, ou seja, era a “voz” da redação que se expressava. Nelas apareciam os editoriais propriamente ditos, à época, denominados mais especificamente de artigos de fundo, ou ainda avisos emitidos pela publicação de modo a orientar seus leitores. Em tais textos apareciam desde questões fundamentais, como as metas editoriais da publicação até notas informativas sobre a circulação. Havia também os avisos derivados da oficina do periódico, normalmente voltados a propagandear a prestação de serviços gráficos. A *Comédia Social* também lançou mão de seus recursos e, mesmo neles, houve a utilização dos versos, expressos desde a primeira edição do semanário.

A apresentação de um conteúdo programático constitui uma tradição dos periódicos, expressando tais propostas geralmente na primeira edição. O enfoque “dependia do teor da publicação”, no caso de ser “jocosa, o cavaco *preliminar* era de rigor; se dinâmica, atenta à ‘velocidade’ daqueles novos tempos, o *duas palavras* bastava para dizer a que vinha”, ou ainda, “se solene, um compenetrado *a que se deve* introduzia o primeiro número” (MARTINS, 2008, p. 16). A partir desse “texto inicial, os articulistas, em geral, preocupavam-se em apontar os objetivos e as propostas do novo órgão que ora se punha à disposição do público” (PÓVOAS, 2004, p. 9).

A *Comédia Social* não fugiu a tal regra e, embora não tenha se utilizado da expressão programa, preferindo

apenas reproduzir na cabeça da matéria o título do jornal. No editorial, a publicação dizia-se “despida de sedutoras e espirituosas roupagens”, afirmando que, como poderia ser observado a partir do nome que adotara, tratava-se de um “hebdomadário que, apesar de crítico”, propunha-se a ser “decente”, tendo “sempre em vista a energia sem paixão e a justiça dos fatos”. O semanário anunciava ainda que pretendia embasar-se na “moralidade da imprensa”, sem “nenhum desejo de ser contado no número dos pornográficos”¹

Ainda que o “programa” da *Comédia Social* não tenha sido publicado na forma de um texto poético – como várias vezes aconteceu no caso de folhas humorísticas –, a página de abertura do primeiro número, ou seja, a impressão inicial e original que o periódico passou aos leitores continha um texto versificado servindo como legenda ao desenho. Na imagem aparecia uma dama que representava a comédia, com o lápis-crayon à mão – um típico símbolo do caricaturista (Figura 2) – e ela estava a saudar o público, em especial às leitoras, revelando uma possível tentativa de aproximação com o público feminino, dizendo:

Eis-me, leitoras amáveis,
Em presença de vossências,
Sendo toda reverências
E sedução...

Para pedir-vos as flores
Diletas das grandes almas...
Em troca tereis as palmas
Singelas do coração.²

¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887. A. 1. N. 1. p. 2.

² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887. A. 1. N. 1. p. 1.



Figura 2

Foi a própria *Comédia Social* que publicou um texto (em prosa) revelando a importância atribuída à poesia, demonstrando o motivo da constância da mesma em suas páginas. Além disso, neste artigo intitulado “Poesia”³, o periódico revelava a perspectiva que tinha em relação ao texto poético. Em tal artigo, ficava demarcada uma visão mais ampla em relação aos poemas, de certo modo, abrindo mão, por vezes, dos formalismos que cercavam esse tipo de texto. Nesse sentido, o jornal dizia que “não existe somente a poesia metrificada, nem é ela tão só que tem encantos”, devendo também ser apreciada “a poesia que se sente, que se vê, que se respira enfim”.

A partir de tal ponto de vista, o periódico considerava que “a vida do lar, o aconchego da família, a união dos irmãos, o amor dos esposos, a bênção dos pais”, tinham “em si uma poesia divina, doce, santa, intraduzível”. Na mesma linha, prosseguia, destacando que também eram poesia “o canto matinal dos passarinhos do

³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 1.

copado arvoredado, o desabrochar das flores nas deslumbrantes manhãs de primavera”, bem como “o céu azul coberto de esplêndidas estrelas, o véu merencório do crepúsculo estendendo-se suavemente sobre a terra”, uma vez que encerravam em si “um ‘que’ misterioso e harmônico”.

A folha afirmava ainda que via poesia no “rir do pequenino ser, que inocente encara todas as dores e todos os gozos da vida”, no “beijo dessas santas e sublimes criaturas que têm o melodioso nome de mães”, nas “lágrimas que a saudade faz verter aos entes sensíveis” e nos “suspiros íntimos de quem ama”. Segundo o semanário, haveria ainda “mais doloroso, porém também mais expressivo e monumental poema, que o da despedida última a um ente que na vida foi caro, que amou e foi amado”, vindo a ser osculado “pela derradeira vez”. A esse respeito, reiterava que “a poesia das lágrimas, da saudade, tem estrofes de um valor imenso e que deixam uma recordação eterna”.

Finalmente, o artigo da *Comédia Social* dizia que era “a natureza por si um poema, cujos cantos cheios de doçura ou amargo fel, são mais ou menos extensos conforme a vontade de seu autor”. A ideia era complementada pela perspectiva de que “os cantos lúgubres contém quase sempre mais estrofes; os alegres são pequenos, acabam depressa”. Diante disso, a folha questionava quem poderia negar que na própria existência humana havia “inúmeras páginas de poesia”, uma vez que, “triste ou feliz, plácida ou tormentosa, é ela poética”, podendo um poema ser encontrado “muitas vezes” até mesmo “em cenas bem cheias de desolação”.

A própria conduta editorial da *Comédia Social* foi também destacada por meio de versos em suas páginas, foi o caso da publicação de um “Triolet”, no qual a folha

justificava que se ela era mais incisiva ao falar em política e corrupção, só o fazia exatamente por ser este o gosto do público leitor:

Sei que os leitores queridos	Ora bem, se isso é que almeja
Da <i>Comédia</i> cá da casa,	Ouçam lá, depois não falem
Dizem estar aborrecidos,	Vou-lhes dar do que desejam
Sei que os leitores queridos,	Ora em, se isso é que almejam;
Por não nos verem metidos	Os “ratos” que já farejam
No assunto que tudo arrasa	Novas presas, que se calem,
Sei que os leitores queridos	Ora bem, se isso é que almejam
Da <i>Comédia</i> cá da casa.	Ouçam lá, depois não falem. ⁴

Ainda quanto ao conteúdo editorial da folha, embasada na sátira e, por vezes, em ataques pessoais que beiravam à pasquinagem, o periódico instigava seu público leitor, atijando as curiosidades sobre dois indivíduos apontados como “tipos paspalhos”, que viriam a ser destacados em futura edição, por meio de “dois triolets”. Tal anúncio, sob o título “Ao leitor”, também foi feito em texto versegado:

Acabo agora	Estando o jornal
De receber	Agora cheio,
Dois “triolets”	O tal presente
Que têm que ver.	Tarde nos veio
São dedicados	Para o domingo
A dois tipos,	Virão à cena;
Que mais não passam	E da demora
De paspalhões.	Temos bem pena. ⁵

As publicações que compunham a pequena imprensa enfrentavam sérios problemas para manter suas

⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887. A. 1. N. 4. p. 3.

⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

edições em dia, havendo constantes dificuldades no que se refere à impressão, à distribuição e a manutenção da circulação em dia. Por várias vezes, a *Comédia Social* solicitava desculpas aos seus leitores e assinantes pela falha na circulação ou distribuição dos exemplares e, em uma dessas vezes, a folha se manifestou através de um texto vernejado, reclamando basicamente do serviço de correios que não estaria distribuindo a publicação de maneira regular:

Oh senhores do correio	Deixam os ratos roerem
O que é que fazem então,	Põem-nas num canto a juntar?
Das <i>Comédias</i> que mandamos	Ou fazem delas embrulhos?
Pela vossa intervenção?	Queiram por Deus nos contar. ⁶

Outro sério problema enfrentado pela pequena imprensa, também sentindo pela *Comédia Social*, era o não pagamento das assinaturas. Muitos caricatos chegaram a ameaçar divulgar o nome dos maus pagadores, tentando eliminar a inadimplência. A *Comédia* não chegou a fazer tais ameaças, mas conclamou os seus assinantes a receberem bem o cobrador, ou, em outras palavras, que pagassem o que deviam para o funcionário da folha:

Oh senhores assinantes	Quer da cidade ou de fora
Queiram ouvir por favor,	A todos por compaixão
As lamúrias lacerantes	A <i>Comédia</i> pede, implora
Do nosso bom cobrador;	Que lhe prestem atenção! ⁷

Para sobreviver, os periódicos, além da venda de assinaturas e de números avulsos, buscavam incluir material publicitário em suas páginas, o que representava

⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887. A. 1. N. 12. p. 3.

⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887. A. 1. N. 12. p. 3.

um ganho extra. No caso da pequena imprensa, tal alternativa não era fácil, havendo normalmente a ausência ou a publicação de um número muito reduzido de anúncios. A *Comédia Social* adotou uma estratégia especial para aumentar o número de reclames e fez propaganda desse procedimento em alguns versinhos intitulados “Os anúncios” que estimulavam os anunciantes a divulgar o maior número de vezes o seu produto ou o seu negócio, pois daí resultaria um constante aumento dos lucros:

Anuncia uma só vez,	E o freguês terá comprado
O anúncio será baldado,	Na sexta, se forem seis;
Segunda, será notado;	Mas, se for sétima vez.
E lido se forem três	Lá se vai o teu mercado,
Já na quarta decorado.	E terás um milhão formado,
Na quinta terás o freguês,	Se a conta exceder de dez. ⁸

No caso das publicações caricatas, outra forma de buscar um ganho extra, era através da oferta da prestação de serviços tipográficos e litográficos, produzindo uma série de impressos, a partir do tempo ocioso da máquina de impressão. A *Comédia Social* também ofereceu este serviço, incluindo em suas páginas um dos mais recorrentes de seus anúncios na forma de versinhos, no caso divulgando a sua própria oficina:

Recibos, convites,	Se faz nesta casa
Cartões de visita,	Com toda a presteza;
Por preços baratos	Senão, experimentem
E obra bonita,	Que gosto e beleza! ⁹

⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 3.

⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 4.; 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 4.; 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 4.; 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 4.; 17 jun. 1888. A. 1. N. 36. p. 4.; 15 jul.

Apesar das dificuldades na manutenção da circulação, no último número remanescente, a *Comédia Social* divulgava com orgulho a boa recepção que vinha tendo, ao menos em termos de um de seus colegas de imprensa, o jornal *Tribuna Popular*, que apresentou um artigo elogioso ao semanário humorístico, que não só transcreveu tal matéria, quanto publicou versos exaltando a ação do outro periódico:

Muito embora alguns nos taxem
De vaidosos sem rival,
Nós não podemos furtar-nos
De dar aqui um sinal,
Do prazer, da gratidão,
Que nos vai no coração.

Obrigado, aquelas palmas
São incentivos brilhantes
A encorajar-nos na luta
Com pigmeus e gigantes,
São fachos, faróis benditos,
Mostrando terra aos proscritos.

O colega da *Tribuna*
- Talento bem conhecido, -
Veio emprestar-nos as flores
De que se acha revestido.
Para dar-nos coragem, crença
De transpor barreira imensa.

Sejam-nos pois permitido
Com eles doirar agora -
Esta página modesta,
Sim esta folha inodora.
Ei-os, os astros brilhantes
Os luzeiros faiscantes.¹⁰

1888. A. 1. N. 39. p. 4.; 22 jul. 1888. A. 1. N. 40. p. 4.; 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 4.; 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 4.

¹⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 2.

Crítica social e de costumes em poesia

Ainda que a imprensa satírico-humorística tenha como sua base editorial a meta de fazer graça e observar a sociedade de maneira jocosa, seus representantes muitas vezes assumiram o papel de censores e moralizadores sociais. Assim, embora o conteúdo divulgado por tais periódicos “usasse e abusasse da sátira e da ironia para censurar ridicularizar defeitos ou vícios, bem como para provocar o riso do público”, havia também em suas páginas propósitos sérios que visavam a “corrigir e moralizar a sociedade, a imprensa da época e o governo” (SANT’ANNA, 2011, p. 223).

Nessa linha, “mesmo mantendo um norte editorial baseado na sátira”, os jornais humorísticos “consideravam-se como defensores da moral e dos bons costumes”, além disso, diziam “atuar como moralizadores da vida em sociedade, preocupando-se em denunciar os possíveis desvios e mazelas de ordem social”. Sob uma pauta humorística, esses periódicos “discutiam largamente conjunturas e contingências” da vida político-social e das ações dos homens públicos, “reproduzindo as realidades vivenciadas sob um prisma caricatural”. Dessa maneira, “muito do cotidiano de então, das piadas, dos trocadilhos, dos ditados populares e, enfim, das conversas das esquinas, dos bares e até da intimidade dos lares, encontravam eco nas páginas” das publicações satíricas (ALVES, 2010, p. 20).

Foi assim que a *Comédia Social* praticou uma das mais recorrentes práticas críticas das folhas humorísticas, ocupando muito de seu espaço editorial com a crítica social

e de costumes, muitas vezes expressa através de versos. Foi o caso do texto “Pelos sombras”, assinado pelo sugestivo pseudônimo K. Fagestes. Eram pequenas notas, com breve crônicas a respeito da vida cidadina e, dentre elas, o periódico referia-se ao “estupendo e recente roubo do Cristo, na igreja do Bomfim”, destacando:

Vejam só como vai isto
Cá na cidade:
Já se rouba até o Cristo
E à caridade!!...¹¹

Sobre a assinatura de Finoca, o periódico publicava os versos “Carta de um guasca de Bujuru”, no qual demonstrava em linguagem mais popular e cheia de humor as dificuldades pelas quais passava a pecuária gaúcha, em especial naquela região da antiga “Estância Real” apresentando as diversas tentativas para a obtenção de leite que, infrutíferas, acabavam por levar à atitude de uma mudança de atividades, do pastoreio para a caça:

Em vista do mau estado
Em que o gado tem andado
O povo “bujuruense”
Tem se visto atrapalhado

As vacas não dão mais leite
As cabritas nem se fala,
Quase que o pobre do Chico
Pôs-se a panos, trouxa e mala,

Olha a gata, amarra a gata,
Faz-lhe à força leite dar,
Qual, histórias, tudo é baldo
Não há forma de esquivar.

Merece infindos louvores
Pelo esforço que tem feito,
Ao ver se queijo e manteiga
Pode ter, por qualquer jeito.

Buscou primeiro uma fata
Fez-lhe protestos sem fim,
Porém qual! a tal bichana
Foi-lhe ingrata mesmo assim.

Inda mais um desengano,
Tristonha desilusão,
A cuja deixou o homem
Com cara de paspalhão.

¹¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887. A. 1. N. 1. p. 2.

Busca-se então uma burra,
- Dizem que o leite faz bem -
O bicho deu quatro coices
Foi tudo parar além.

Então agora descrente
Da sua indústria adorada,
Anda a caçar capivaras,
Faz linguíça apimentada.¹²

Tente-se ainda uma prova,
Tragam de lá a leitoa,
Há de dar queira ou não queira
Sou seu dono, ora essa é boa.

A publicação satírica rio-grandina publicou também críticas às estruturas sociais vigentes, notadamente quanto às desigualdade e poucas possibilidades de ascensão social, notadamente para aqueles que tinham pouco acesso à educação, como foi o caso de um “Triolet”, assinado por um sugestivo Mefistófeles:

Quer o patrão cá da casa
Que eu também empunhe a pena,
Que ponha o cérebro em brasa
Quer o patrão cá da casa;
Eu ando arrastando a asa
Numa paixão tão serena,
Quer o patrão cá da casa
Que eu também empunhe a pena!

Este rouba da pobreza
Tem uma alma danada,
Aquele vivem em riqueza,
Este rouba da pobreza,
O outro fez tal vileza
Que merece ser contada,
Este rouba da pobreza
Tem uma alma danada.

Vamos lá, tento na bola
Suba o pano e venha à cena
O turbilhão que ora rola,
Vamos lá, tendo na bola!
Todos pedem como esmola
- Não nos fira, tenha pena;
Vamos lá tento na bola,
Suba o pano e venha à cena.

Eia pois, começa o drama
Vamos tudo relatar,
A consciência é que clama,
Eia pois, começa o drama;
No domingo é que a derrama
Vai ser mesmo de espantar!
Eia pois, começa o drama
Vamos tudo relatar.¹³

¹² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887. A. 1. N. 1. p. 2-3.

¹³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887. A. 1. N. 2. p. 3.

O mesmo Mefistófeles publicou outro “Triolet”, desta vez denunciando a grande quantidade de roubos na cidade, apontando que os ladrões não estavam poupando nada, nem mesmo as instituições religiosas:

Diz a polícia atilada
Que temos agora em dia,
Que a casa santa, coitada,
Diz a polícia atilada,
Está sendo bem destroçada!
Que julgara e que diria!!
Diz a polícia atilada
Que agora temos em dia.

E que o Costa o fielzinho
Tão honrado e tão galante,
Sempre foi um pobrezinho,
E que o Costa o fielzinho
Até ao pai! coitadinho
Fez das suas de tratante!
E que o Costa o fielzinho
Tão honrado e tão galante.

São acasos, ninguém fale
Nem sequer meter-se nisso,
Quem souber de roubos, cale
São acasos, ninguém fale,
A cidade não se abale
Porque em tudo anda feitiço,
São acasos, ninguém fale
Nem sequer meter-se nisso.

Foi por artes de berliques,
Foi por artes de berloques,
Por causa de uns certos tiques;
Agora o leitor não fiques
A gritar – “nesse não toques!...”
Foi por artes de berliques,
Foi por artes de berloques.

Se o Bomfim foi visitado,
Se o Perpétuo foi-se embora,
É que o tempo está mudado
Se o Bomfim foi visitado,
Se o doutor ficou burlado
E a comenda longe mora,
Se o Bomfim foi visitado
Se o Perpétuo foi-se embora,

Por hoje calamos inda
Um negócio de espavento,
Cuja história é muito linda
Por hoje calamos inda
Nossa missão neste finda,
Aguardem breve um portento;
Por hoje calamos inda
Um negócio de espavento.¹⁴

¹⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 23 out. 1887. A. 1. N. 4. p. 3.

Um pequeno verso sem título lembrava que as mazelas sociais se originavam desde os grandes até os pequenos atos, como o caso de um indivíduo que se confessava orgulhoso tanto como perjuro em juízo, quanto como aquele que se aproveitava dos outros para ler as notícias:

Eu fui testemunha falsa
Tenho até garbo em dizer
E também leio e não pago
Os jornais que a mim vêm ter.¹⁵

Ainda quanto à crítica de costumes, a *Comédia Social* publicou um versinho denominado “A propósito”, no qual, por meio de um jogo de palavras, revelava atitudes que poderiam ser consideradas como maus hábitos recorrentes:

Muita comida amolece;	Muita honraria é escravidão;
Muito barulho aborrece;	Muitos prazeres na tumba dão;
Muita frieza é indolência;	Muito álcool danos nos traz;
Muita atividade é turbulência;	Muita confiança bem mal nos faz;
Muito amor turba a razão;	Muita franqueza não aproveita;
Muito remédio não é mui são;	Muita bondade a fraqueza deita;
Muito rigor dá a dureza;	Muita altivez torna-se orgulho;
Muito poupar faz a avareza;	Muita questão dá em barulho. ¹⁶
Muita audácia é temeridade;	
Muito bem é felicidade;	

Nem mesmo as relações amorosas fugiam à crítica de costumes da folha satírica, destacando as dificuldades que poderiam ser enfrentadas por aqueles que pudessem ser “flechados pelo cupido”:

¹⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

¹⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

Amor é um mito,
Cupido se chama,
tirano de fama,
contraste esquisito.

Com ser pequenito,
enfeita uma dama;
este ama, aquele ama,
e dá-se o conflito.

Atira umas frechas,
e às vezes faz brechas
profundas, mortais.

Se tem o travesso
direito e avesso
em vão perguntais.¹⁷

Na mesma linha, o periódico apontava para a facilidade e mesmo os motivos errados e até fúteis que levavam as pessoas ao casamento, como no caso do texto verzejado “Momento psicológico”, assinado por Max:

Ela, de lenço na mão,
Orelhas adereçadas
De bonitas arrecadas.
Vai causando sensação...

Ele de cinta vermelha
Na calça nova, de friso,
Acercando-se indeciso
Puxa-lhe a ponta da orelha...

Ela ri-se de soslaio;
Ele prossegue no ensaio,
Dá-lhe um copo de cerveja:

Fica justo o casamento.
Já se fez. Neste momento
Recebem bênçãos na igreja!¹⁸

Um outro pequeno verso fazendo um jogo de palavras foi publicado sobre a assinatura de um Carvalinho e que muito lembrava os ditos populares e os comentários jocosos que se faziam cotidianamente. Seguindo esta mesma linha do jogo de palavras e apelando para os axiomas populares, um Daniel manifestou seu desejo de testar os limites morais de alguém:

¹⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

¹⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

Se saudades matassem	Água mole em pedra dura
Muita gente morreria,	Bate, bate até furar;
Mas como saudades não matam,	Hei de ver se os teus rigores
Que mata é faca de ponta! ¹⁹	Também consigo quebrar. ²⁰

Os espetáculos artísticos, que normalmente iniciavam as apresentações pela cidade do Rio Grande, o único porto marítimo sulino, também foram alvo da crítica de costumes nas páginas da *Comédia Social* através de versos assinados por Chiarini, que revelava insatisfação com a performance dos artistas:

A companhia Europeia	Trabalhos todos já vistos
Com seus artistas “reais”,	Aborrecidos até,
Em quaisquer equilibristas	Merece muitos aplausos
Tem com certeza rivais.	Mas não de mãos, sim de pé. ²¹

O olhar crítico da *Comédia Social* recaía também sobre a própria imprensa, havendo censuras a vários colegas de jornalismo. Além disso, apareceu uma ácida crítica às publicações anônimas, em texto versejado de título “Anonimato”. O mais estranho e contraditório, era que o próprio periódico satírico acabava por incorrer em tal prática, dando razão ao ditado popular que diz “faça o que eu digo, mas não faça o que faço”:

Não há que o anônimo conheça
O fantasma das lendas feiticeiras,
Que coberto de armas traiçoeiras
Tem um capuz de frade na cabeça.

¹⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.

²⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.

²¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 3.

Como o cólera marcha devastando,
Multiplica-se, está em toda a parte,
Faz guerra à luz, ao bom, ao belo, à arte
Faz da inveja o seu culto venerando.

Nas trevas do pasquim é sempre exato
Anuncia-se às vezes dando um berro
Ou repulso grunhido, nele inato.

Não conheço tal bicho, e senão erro,
Tem bico de coruja, unhas de gato,
Cabeça de latão, “testa de ferro”.²²

Desafiando as convenções de beleza, o pseudônimo sugestivo Joaquim P. Tamanco publicou uma sátira social e sentimental na qual dedicava a uma “M...”:

Dizem que tens boca de máscara,
E o nariz!... de rabeção!
Porém... que me importa isso
Se és meu bem, minha paixão...²³

Fazendo pilhéria até mesmo com os anúncios versejados que publicava, a *Comédia Social* apresentava-se um “Vende-se”, com o qual de certo modo denunciava o mau atendimento em um estabelecimento comercial local, representando tal insatisfação por meio de inspirações animais:

Caranchos, sapos,
Cará-carás,
Lagartos, cobras
“Boas” e más;
Ursos, hienas,

Tatus, mulitas,
Mochos, xofrangos,
Corujas, micos
E orangotangos.
Tudo na estância

²² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 3.

²³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 3.

Tigres, leões,
Panteras, grilos
E gaviões.

Do “Garrafão”,
Se encontra à venda
Com profusão.²⁴

A grande incidência de mortalidade infantil, mal típico daquele final de século, ainda mais em uma cidade portuária, e/ou a ineficiência médica era outra denúncia apresentada nas páginas do semanário, por meio de um Dr. Malaquita, cuja presença foi recorrente no periódico:

Cinco bebês, com efeito!
Morreram-me esta semana!
Fora o mais que tenho feito
Cinco bebês, com efeito!

Para matar tenho jeito,
Todo o mal de mim dimana;
Cinco bebês com efeito
Morreram-me esta semana!²⁵

Ainda demonstrando alguma contradição, a *Comédia Social* teceria críticas à qualidade de certos autores de poesias, sem se preocupar que ela mesma em suas páginas costumava publicar vários textos poéticos de qualidade duvidosa. Nesse sentido, foi publicado “Variações”:

Deixa de dizer, patota,
Tu não és poeta, não,
Tira o cavalo da chuva,
Não sejas parlatão.

Derretido tu ficaste
Por tua amada Maria,
Quando ela lá na igreja
Meteu o dedo na pia.

Eu disse com os meus botões,
Ao ouvir um teu discurso:
Este rapaz com certeza
Descende do “Castro Urso”!

Mas de desfez a ilusão,
Ao ver que ela sorria,
Chupando o dedo contente,
Disse-te: – que porcaria!...²⁶

²⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 3.

²⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 3.

²⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 3.

A publicação do poema “Simplicidade” do escritor catarinense Virgílio Várzea também serviu para que a *Comédia* expressasse sua insatisfação com os níveis educacionais do país, notadamente em relação ao analfabetismo:

Sou rapariga moderna
E estimo de coração
A um rapaz – o João
Que esteve aqui pela festa.

Gosto de um laço de fita,
Dedilho bem na viola...
Sei dançar a “Chama Rita”.

Não dou das moças mais feias,
E tenho um ar engraçado;
Ando de xale encarnado
E de tamancos sem meias.

Tenho um defeito... Quer ver?
Que muito me desconsola,
É não saber ainda ler.²⁷

A insatisfação dos militares que acabou por levar à mudança na forma de governo no Brasil também apareceu na crítica social presente nas páginas da *Comédia*. Eram versos publicados por um Luigi di Luigi²⁸ reclamando do tratamento dispensado por seus superiores e das poucas possibilidades de ascensão na carreira:

Sou tambor há um rol de meses,
Não me querem dar patente:
Já pedi por muitas vezes
Um lugar proeminente;
Mas, cachorro! O General
É um malando sem igual;
Prometeu-me o tal tratante
De fazer-me seu sargento,
Seu major, até ajudante:
Seja eu feito general.

Porém foi por um momento,
Porque quis só conversar,
Nem patente, nem lugar!
E como acho desaforo
Deste modo ser tratado,
Eu proponho que o cachorro
Seja logo degradado,
E, por voto universal,
Sei com uma bofetada
À do Lopes parecida,

²⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 3.

²⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jul. 1888. A. 1. N. 39. p. 2.

Nesta quadra de perigo
A política é diversa:
Para lutar contra o inimigo
Fatos, fatos, não conversa:
Precisamos de valor,
Da perícia do Tambor.
Manejar não sei a espada,
Mas em caso urgente,
Sim, com uma cacetada,
Calar faço o prepotente:
Sou capaz de mais até,
De arrancar-lhe o Pai José.

Que no Souto foi sentada,
Dar coragem, nova vida
Ao covarde que não quer
Nossa honra defender!
Peço pois aos companheiros,
Aos ilustres camaradas,
Que se mostrem justiceiros
E não sofram patacoadas.
É vergonha, amigos, sim,
Ter um chefe tão chinfrim!

Na continuidade, Luigi di Luigi completaria suas lamúrias, chamando seu superior de “Sátrapa”, em referência à antiga Pérsia e com o significado de autoritarismo, vindo a afirmar:

Cansado de esperar, de ser joguete
Deste, daquele e de outros mais tiranos:
Eu, velho militar, que nem cadete
Souberam-me fazer em tantos anos
Mas eu pintando, sim, comigo o sete
Promessas inventaram, mil enganos,
Declaro por ofício, que ora envio,
Que de Tambor ao cargo renuncio.

Na mesma edição já aparecia uma resposta do General a quem Luigi direcionara suas reclamações. Nos versos ficava demonstrado o desprezo e pouca consideração que o militar teria em relação aos seus subalternos:

De onde vem-te a ousadia
De negar ao General
O respeito universal
De sua soberania?!
De mostrares galhardia
Tiveste mais de um ensejo;
Pois ainda em ti não vejo
Brilhar o márcio valor,
Continua a ser “Tambor”,
Macaco de realejo.

E esse outro Major Vasco,
Estúrdio, seco e papalvo,
Inda moço e já tão calvo
Como cheio ou vazio frasco,
Autenticando o fiasco

Da tua reclamação,
Determino, em conclusão,
De Major seja deposto
E tome o ilustre posto
De clarim de batalhão.

Determino mias que em conta
De minha ordem do dia,
O Brigadeiro Garcia
Tenha o seu gládio de ponta:
A toda essa gente tonta,
Que sem valor arma empunha
Lhe confira por alcunha
O nobre grau de idiotas
E lhe aplique até às botas
O rufo da grapiapunha.

Finalmente, as ordens do superior hierárquico eram confirmadas pelo Sargento Antonico Grulho que também não deixava de demonstrar sua insatisfação com as dificuldades para obter promoções:

Eu sargento secretário,
Cumprindo ordem superior,
Não tão só por disciplina,
Por dever e por temor,
Como também pela esperança

De inda vir a ter dragonas,
Publico a “ordem do dia”
Lida ao toque de sanfonas;
E me assino com orgulho.

As críticas quanto à estrutura social vigente, com o predomínio dos ricos sobre os pobres também apareceram na *Comédia Social* que denunciava o conservadorismo social, a roubalheira de parte dos endinheirados e a opressão sofrida de parte dos trabalhadores. Nesse sentido, Costa Fiel assinava “A patoteira conservação”, em referência às “patotas” formadas pelos poderosos, ou seja,

suas atitudes enganosas e trapaças para se aproveitar do dinheiro público:

Vai à garra, pega nela,
Ai pobre “conservação”
Se não tem pronto socorro
Vai dar com as ventas no chão

Agora o senhor das brocas
Fez uma – particular –
Com um mísero agregado
Que não o quis... adorar.

Mestre brocas – faz proezas
É prestímano de cruz,
Um, dois, três, passe, e lá voa
Todo o carvão! Ai Jesus.

E como o pobre rapaz
Não serviu de lavador,
Dá sua casa, e negou-se
A ser um vil servidor,

Outras vezes, vai-se o azeite
Ninguém sabe para onde foi,
Quem é que paga? Ora bolas
No meu bolsinho não dói.

O Milorde incontinente
Fê-lo cair nos menores;
Dizendo: – eis a recompensa,
E não é lá das piores!

Ferramentas, tudo, tudo;
Tem asas, voa, para além;
Mas a coisa vai seguindo
Não se dá conta a ninguém.

Ora vejam “mestre brocas”
Como é mau e vingativo,
Só por o pobre pequeno
Não querer ser seu cativo.²⁹

A crítica de costumes praticada pela *Comédia* também se direcionava às questões familiares e às dificuldades nas relações homem e mulher na composição da família. Um dos grandes alvos de censuras era a figura da sogra, na maioria das vezes apontada como um ser detestável:

Quem de livre celibato
A doce ventura logra,
Nem por sombras pense nunca
Na tolice de ter sogra.

Já estaria feita em cinzas,
Se inda houvesse inquisição.

Minha sogra é um modelo
Um tipo de perfeição;

No dia em que minha sogra
Sua alma ao diabo mande,
Nesse dia digam todos
Que eu tirei a sorte grande.³⁰

²⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jul. 1888. A. 1. N. 39. p. 2.

Em comparação com os problemas enfrentados no cotidiano urbano, uns versos de um Juca Bagual endereçados ao amigo Garrafão mostravam as vantagens de morar na zona rural, mais especificamente na região da Mangueira, apresentando as farturas desse local:

Satisfazendo o pedido
De escrever as impressões
Que me deixasse a fazenda
Das rãs, sapos e sapões.

Vou cumprir gentil Jacinto
Pois que jamais me neguei
A fazer o que me pedes;
Lá vai desde que cheguei:

Apeei-me às quatro horas
Inda mal rompia o dia.
No teu formoso “palácio”
Creio que tudo dormia.

Mal porém pus pé em terra
Logo o cachorro ladrrou,
E o capataz sem demora
Veio saber quem chegou.

É um homem às direitas
Confundi-me até contigo,
Mandou-me entrar e saudou-me
Qual se fora um bom amigo.

Depois mandou um rapaz
Alto e bem apessoado,
Buscar leite de umas vacas
Que o dão até temperado!

Foi o meu primeiro assombro,
Confesso mesmo, pasmei.
Café com leite, já pronto,
Vacas tais nunca encontrei!

Dispensa as cacofonias,
- É fruta desconhecida -
E vamos indo adiante
Que o tempo é o tudo da vida.

Passei o dia inteiro,
Vi as tuas plantações,
E deliciei-me ouvindo
Das rãs as ternas canções.

Vi os falados xofrangos,
Corujas em profusão,
Mochos por todos os lados
Caranchos cobrindo o chão.

Arrebatei-me ante as couves
Mais repolhudas que tu,
E ajoelhei respeitoso
Ante um tremendo chuchu.

Cumprimentei os cavalos,
Que cavalões, apre lá,
Julguei até que eram touros;
Quem ao vê-los não dirá!

Vi enxames de batatas
A passear nas paredes,
Aonde enormes aranhas
Faziam mimosas redes.

Vi também escorpiões,
Lacraias, cobras, lagartos,
Notando que, destes bichos
Os aposentos estão fartos..

³⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jul. 1888. A. 1. N. 39. p. 3.

E se fosse a dizer tudo
Quanto aqui vi e gostei,
Se um caderno chegaria
Nem sei mesmo o que direi.

Fico pois ainda uns dia
A gozar tanta ventura,
E a tomar leite das “cujas”
Que rebentam de gordura.

Quando voltar irei dar-te
Por gratidão, tal abraço
Que hão de doer-te as costelas;
E inda um beijo no cachaco.

Por hoje sem mais aquela
Lembranças da tua gente,
E saudades das “tourinhas”
Que estão dando um ar contente.³¹

Algumas definições do filósofo grego Teofrasto sobre o tempo, considerado como “a coisa mais preciosa da vida” foram outro balizador de costumes publicado pela *Comédia Social* :

Com o tempo o prado seco reverdece;
Com o tempo cai a folha ao bosque umbroso;
Com o tempo para o rio caudaloso;
Com o tempo o campo pobre se enriquece;
Com o tempo um louro morre, outro floresce;
Com o tempo um é sereno, outro inverno;
Com o tempo foge o mal duro e penoso;
Com o tempo torna o bem já quando esquece;
Com o tempo faz mudança a sorte avara;
Com o tempo tudo corre e tudo para.³²

Já nas suas últimas edições, o periódico voltava a tecer críticas quanto à falta de qualidade em produções poéticas, como ao anunciar, cheio de ironia, algumas “inspiradas estrofes” do “laureado literato F. Carvalhinho”:

Passarinho está cantando
na estaca do curral,
meu amor está mal comigo,
- aqui ai coisa!...

Minha laranjeira doce
carregada de banana,
se você não me queira bem
para que me emprestou sua
égua?...³³

³¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 22 jul. 1888. A. 1. N. 40. p. 3.

³² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 22 jul. 1888. A. 1. N. 40. p. 3.

A crítica à pobreza das poesias, contraditória em relação àquelas que a própria folha publicava, manifestou-se também por meio do texto intitulado “Torneio literário”³⁴, no qual apareciam versos de Compadre Barbosa, Tolentino, Bandeira Renault e P. Pires, culminando com a avaliação negativa aos mesmos de parte da própria *Comédia Social*:

Tu foste num lençol, Camões amortalhado,
Num péssimo lençol, esmola de hospital!
Pois esse teu lençol, na lenda celebrada
Tem hoje mais valor que a púrpura real.
Seboso, pustulento e negro, feio, imundo,
E vale muito mais que as velhas cinco chagas!
E vejo-as só reinar no fim da Espanha às vagas
E vejo o teu lençol reinando em todo o mundo.

(...)
E o Atlas estupendo
Que mostra um paul imenso,
Profundo, lamoso, extenso,
Brotando um vulcão intenso
Num Himalaia tremendo!
É tão baixo supedâneo!
E tu soberbo gigante,
Num pedestal repugnante,
Roças as nuvens com o crânio!

(...)
Oxalá que o que me almejas
Inda possa ter lugar,
Que me veja o céu mais sereno
E calmo o revolto mar.

³³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 1.

³⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 3.

(...)

Ao triste albergue vais levar um riso
O pranto enxugas do infeliz varão,
Dás à viúva o necessário pão,
Carinho ao órfão e o valor preciso.

Notam erros e descuidos
Nos mais clássicos autores;
Girândolas de uma figa!
Ride comigo leitores.

A perspectiva crítica para com a sociedade expressa pela *Comédia Social* trazia a observação de que uma das soluções para os males sociais poderia se dar a partir do melhoramento das condições educacionais, como ficou demarcado nos versos denominados “Instrução”:

Fazei brotar as escolas,
Como Deus semeia as fontes
Entre os vales, sobre os montes;
Haja um mestre em cada lar.
Seja a instrução para o povo
Como torrente abundante
Porque é sempre fecundante,
A inundação desse mar.

Só a instrução mostra Deus.
O homem que lê medita,
Alma que pensa se eleva
E lá onde finda a treva
É que começam os Céus.³⁵

³⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 3.

Pasquinadas em versos

A prática da pasquinagem foi muito comum em várias etapas da evolução jornalística brasileira, gaúcha e rio-grandina. A pasquinada manifestava-se por meio de “expressões contundentes”, com palavras que traziam em si “um convite à incontinência de linguagem” (MAGALHÃES JR., 1957, p. 3). Os pasquins revelavam uma “falta de responsabilidade com os conceitos externados e uma série de excessos de linguagem” (RÜDIGER, 1993, p. 20), trazendo em suas páginas, além do linguajar violento, “a invasão da vida particular e íntima, a difamação” e “a devassa da conduta das pessoas” (SODRÉ, 2007, 163). Sua meta básica era atingir o inimigo, sem medir palavras, atacando de todas as maneiras possíveis.

As publicações humorísticas buscavam desvencilhar-se da comparação com os pasquins, insistindo que não atingiam as pessoas no âmbito particular, entretanto, muitas vezes incorreram na prática da pasquinagem. Foi o caso da *Comédia Social* que muitas vezes praticou sua sátira como verdadeira pasquinada, movendo fortes ataques pessoais. Os alvos na maior parte não eram identificados pelos nomes, sem deixar de ser reconhecíveis para o público leitor de então. Nesse tipo de conduta, o semanário também lançou mão dos versos.

Provocativamente, jogando com a descrição de um indivíduo, a *Comédia* publicava um “Enigma”, de autoria de Méro, carregado de ataque pessoal:

Eu conheço certo velho
Que tem bigode torcido;
- Petulante e atrevido,
Todo metido a “inglês”,
Com sobrenome francês,
De pátria desconhecida,
Amante da – longa vida –
Como fino entendedor.
- Não sei se será doutor;
Mas pelas orelhas eu fico
Que é diretor.

Certifico
Que ele é “beef” genuíno
E perfeito figurino:
Não relaxa o catimplório
(Que é maior que o defuntório),
Tem cavalo rocinante
- Um gentleman petulante, -
Em que passeia no trote
O nosso bom D. Quixote.
Passa por ser homem sério,
De invejável critério;
- O que eu não posso...
afirmar...
por não
estar
a par...
Mas mesmo assim assevero
Que ele é perfeito...³⁶

Em versos sem título publicados por um Guterres, os ataques se direcionavam a um Agostinho, enquanto outros, de título “Designados”, de Costa Fiel, complementavam um texto no qual um indivíduo sem identificação do nome era fortemente atacado:

Agostinho, tinho, tinho
Venha à cena sim senhor,
Não torça assim o focinho
Agostinho, tinho, tinho;
Porque ficou zangadinho?
Diga, diga, meu “doutor”,
Agostinho, tinho, tinho
Venha à cena sim senhor.

É pândego o Arara
Plim, plim, plim
Se é asno come capim
Só caminha ao som da vara.³⁷

³⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 9 out. 1887. A. 1. N. 2. p. 2.

³⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 18 dez. 1887. A. 1. N. 12. p. 3.

Nem mesmo um Malaquita, que também colaborava nas páginas da *Comédia Social*, foi poupado dos ataques pessoais, como o publicado por A. Rocha, sob o título “À última hora”. O mesmo Malaquita foi alvo das palavras de Carvalho Leproso:

Do amável Malaquita	Sou capanga do Malaquita,
Foi à corneta o Fuão!	Protegido de um sífilítico,
Que bulha, que imensa grita	Conto os atrasos da casa
Do amável Malaquita;	Com as manhas de um
Até dançou a chimarrita	político... ³⁹
O pobre paspalhão!	
Do amável Malaquita	
Foi à corneta o Fuão! ³⁸	

Palavras fortes foram utilizadas em mais de uma edição para do periódico para acometer um indivíduo não identificado pelo nome. Nessa linha, apareceram em três edições assinadas pela própria “A Comédia”, os seguintes versinhos intitutados “Durante o ano”:

O zé-martins é um tranca,	Ardiloso sem igual,
Um velhaco marca g,	Em conjugar certo verbo
É o que logo murmura	Diz alguém não ter rival.
Qualquer pessoa que o vê;	Cuidado oh povo, cuidado
Mentiroso, trapaceiro,	Que ele é tipo descarado. ⁴⁰

Os desentendimentos promovidos pela *Comédia Social* também eram direcionados a outros jornais, como foi o caso do *Bisturi*, semanário caricato publicado em abril de 1888 e concorrente direto da *Comédia* e, portanto, alvo de

³⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 3.

³⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 3.

⁴⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.; 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 4.; 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 3.

pesadas acometidas, como no caso dos versos “Adivinhação”, publicados pelo Dr. Malaquita, “Aos meus amigos”, do Barão da Praia, e os sem título, de A. Rocha e Leão da Praia⁴¹:

Escrevo no “bisturi”	Afinal o <i>Bisturi</i>
Mas digo nunca o ter lido,	Vai do “tipo nos vingar;
Tenho modos de sagui.	Só o que de mau tem isso
Escrevo no “bisturi”	É precisar-se “pagar”;
Dizem todos por aí	Do contrário o nosso Thadio
Que sou maluco varrido;	Segundo a antiga mania,
Escrevo no “bisturi”	Muda de ideias, e logo
Mas digo nunca o ter lido.	Faz contra nós berraria.

Gosto de pregar moral
 Porque enfim, não custa nada,
 Muito embora essa “fazenda”
 Seja para mim caçoadá,
 Assumo uns ares pedantes,
 E toca a dizer asneiras,
 Que muitas vezes me acodem
 Logo após as bebedeiras.

Barbeiro de profissão	Tenho rara habilidade
Sou um “Fígaro” mesquinho;	Para cartas que não assino:
Figura de papelão,	Fraquezas da humanidade,
Barbeiro de profissão;	Tenho rara habilidade...
Alguns me chamam de anão	Não julguem isto vaidade
Mas sou até bonitinho,	Eu sou velhaco mui fino;
Barbeiro de profissão	Tenho rara habilidade
Sou um “Fígaro” mesquinho.	Para as cartas que assino.

Um “Procurador” também foi alvo de versinhos maldosos publicados nas páginas da *Comédia Social*:

⁴¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 3.

É um rojão: parece um busca-pé;
Um rolo de papel, traz sobraçado,
Inculca-se de andar atarefado,
Quem o vê, logo diz o que ele é.

Mas creiam que naquilo anda formada
Aquela “esfuziada” em que ele vai,
É só por ver se algum patinho cai
Na tal procuratória anunciada.

Rua abaixo e rua acima, no escritório
Atira-se afinal esbaforido;
Mas quem conhece as manhas do “finório”
Quem sabe o que é um “macaco por bananas”
Vai baixinho cantando-lhe no ouvido:
- “Meu bom procurador, tu não me enganas”.⁴²

A associação entre dois indivíduos para levantar falso testemunho foi outro motivo de arremetidas de parte do semanário rio-grandino:

Para o Almeida ser roubado	Que pra de tipões danado,
Zé Neves falso jurou,	Foi o demo que os formou!
Com o Rosas combinado	Para o Almeida ser roubado
Para o Almeida ser roubado.	Zé Neves falso jurou. ⁴³

Palavras ásperas foram publicadas pelo Dr. Malaquita, em ataque a uma pessoa não identificada, já um Amorim, atingia um advogado de modo mais suave, mas nem por isso menos pernicioso:

Eu sou um pedaço de asno,	Advogado de fama
Para não dizer asno inteiro,	Vivo em formoso “jardim”,
Tenho um todo de moleque	E tenho uns “que”, uns modinhos
Uns jeitinhos de aguadeiro.	De gracioso arlequim. ⁴⁴

⁴² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 3.

⁴³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 3.

⁴⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 2-3.

Na mesma edição, sob a identificação “Eduardo e a Negra” era publicado “O Brocas”, atacando um empreiteiro, sob a acusação da prática de desvios.

ó mestre das empreitadas	Que em quatro dias bifadas
Que é feito pois do carvão?	Foram da “conservação”
Das cinquenta toneladas	ó mestre das empreitadas
ó mestre das empreitadas,	Que é feito pois do carvão? ⁴⁵

A folha parecia também usufruir das próprias discussões entre seus colaboradores, tanto que chegou a publicar no mesmo número um ataque de autoria de Carvalhinho a um anônimo, e um outro escrito por Telles, contra o Malaquita e o próprio Carvalhinho:

Ninguém me iguala em viveza,	Malaquita e Carvalhinho
Sou tratante refinado,	São dois amáveis tipões,
Mas quero passar por homem	Esquisitos, malcriados,
Respeitável, bom, honrado.	Jumentos e paspalhões. ⁴⁶

Outro que colaborava com a *Comédia*, o Barão da Praia, também foi alvo de impropérios escritos em ocasião de uma viagem. O tal Barão viajaria por motivos de saúde à localidade próxima de Jaguarão, vindo a ser ironicamente “homenageado” com um “Triolet” publicado pelo Compadre Barbosa:

O Sr. Barão da Praia	Mas enfim... coragem... crença,
Vai deixar-nos por uns dias;	Não será longa a demora.
Só com a ideia desmaia	Vai envolto em nuvem densa,
O Sr. Barão da Praia.	Mas enfim... coragem... crença,
A nossa dor toca a raia	Dizem que vai numa prensa
Das mais cruéis agonias!	Mas enfim... coragem... crença,
O Sr. Barão da Praia	Não será longa a demora.
Vai deixar-nos por uns dias!	

⁴⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 3.

⁴⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 3.

Para extrair a pedrinha	Jaguarão o feliz porto
Que anda a pular na bexiga	Que vai breve recebê-lo,
É que vai a pobre alminha	E há de pascar desse aborto
Para extrair a pedrinha.	Jaguarão o feliz porto;
Criatura inocentinha	Dar-lhe-á um gato morto
Deve após beber ortiga;	Para em seus laços prendê-lo!
Para extrair a pedrinha	Jaguarão o feliz porto
Que anda a pular na bexiga.	Que vai breve recebê-lo. ⁴⁷

Prevalecia na *Comédia Social* um sistema de ataques e respostas, tanto que o Dr. Malaquita direcionou palavras nada amigáveis para Carvalinho. Na mesma edição, o atingido respondia ao seu algoz:

O Pinto dos Carvalhinhos	O amável Malaquita
- Apregoa muita gente -	Com seu todo capoeira
Que vê tipos e tipinhos	Dizem que ao ler-nos se irrita
O Pinto dos Carvalhinhos,	O amável Malaquita
Por praças, becos, cantinhos,	Ora vejam o cabrita!
Mas finge-se indiferente	Quer por no mundo peneira,
O Pinto dos Carvalhinhos	O amável Malaquita
Apregoa muita gente.	Com seu todo capoeira. ⁴⁸

Ainda neste mesmo número, um “Thadio” – talvez numa referência jocosa ao proprietário humorístico concorrente, o *Bisturi* – também lançava ataques pessoais, assim como um texto anônimo fazia piada com a inteligência alheia, além dos ataques a um vereador e a um caldeireiro, escritos pelo Dr. Rocambole e um anônimo⁴⁹:

⁴⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 2.

⁴⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 3

⁴⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 3

O vulto das pernas tortas
Que tem palavra afamada
Consta que, por horas mortas
O vulto das pernas tortas,
Anda a gritar pelas portas
- Serafina, estás vingada,
O vulto das pernas tortas,
Que tem palavra afamada.

O tal edil carnicheiro,
Amanhã (vinte) que horror!
Desmascara-se o embusteiro
O tal edil carnicheiro,
Quer ver se guarda o dinheiro
Mas o contrato! oh senhor
O tal edil carnicheiro
Amanhã (vinte) que horror!

Sentindo estalar um dente,
Quando partia uma noz,
Teve um susto impertinente
Um avarento feroz.

Mas, palmando prazenteiro
O dente, diz: - Antes isso:
Este não custou dinheiro;
Temi que fosse o postigo!

O Paulo que é caldeireiro
Na rua do grande Osório,
Vem pedir o seu dinheiro
O Paulo que é caldeireiro,
Ao Machado caloteiro:
- A caldeira ou o cobrório.
O Paulo que é caldeireiro
Na rua do grande Osório
Ora basta de embromeiro,
Oh que imenso cebolório!

Liras de emoções

O texto poético pode ser considerado como “a linguagem de conteúdo lírico ou emotivo, escrita em verso” (TAVARES, 1974, p. 162). A “poesia é um fenômeno criador que transforma em linguagem as emoções, os impulsos ou reações do poeta em face de determinada realidade. Nessa linha, o texto poético “é a expressão verbal artística rítmica ou melódica” de um estado de espírito”, a qual “pode ser de natureza conceitual”, ou seja, aquela que “comunica algo”, ou “de natureza emotiva”, aquela que “transmite sensações ou emoções” (COELHO, 1974, p. 49-50). Versos dessa natureza também apareceram nas páginas da *Comédia Social*, predominando alguma manifestação de sentimentos. Ainda que muitos autores não fossem conhecidos, foram em tais poemas que apareceram alguns escritores de maior notoriedade.

Nesse sentido, o enaltecimento à terra sul-riograndense, por meio de manifestações regionalistas se fez presente nas páginas da *Comédia Social*, como nos versos de título “Na roça” publicados por alguém identificado como Vão:

Vem a noite e desenrola
Pelas colinas o manto;
Da palhoça num recanto
Um moço afina a viola.

Cantando à moda espanhola
Andam as moças. No entanto
Chora, assentado no canto
Um gorducho rapazola.

Na mesa jogam contentes,
 À luz das velas ardentes
 Os velhos e a “gauchada”...

Ladram os cães no terreiro;
 Passa cantando o tropeiro
 A galope, pela estrada.⁵⁰

A visão bucólica do canto dos passarinhos, descrito por Carlos Montes, a descrição de um canto do amor, publicado por um anônimo e o próprio canto lírico, apresentado por Sebastião também compuseram as páginas do semanário. O amor foi o sentimento predominante, em manifestações menos ou mais sérias, como as de Braga dos Pobres, Silveira Cacete e Corujão:

O canto dos passarinhos
 Não tem para mim mais beleza
 Que o teu cantar mavioso,
 Repassado de tristeza.

Canta, canta meu amor,
 A tua voz me dá vida;
 O que seria eu no mundo
 Se não te ouvisse querida!

Os cantos de tua lira
 Vêm trazer ao meu retiro
 Ventura, paz, alegria,
 Pois sem eles, só suspiro.

Os teus beijos têm sabor
 Da mais fina marmelada,
 Por isso nunca me canso
 De pedi-los minha amada.

Os teus olhos são dois astros
 Que brilham constantemente,
 Quer no céu a lua vague,
 Quer o sol vivo se ostente.

Quer brilhe o sol, quer a lua
 Ostente o seu esplendor,
 Eu só vejo a imagem tua
 A vir falar-me de amor.⁵¹

As emoções em formato de versos escritos por Heitor e Eusébio, já um “glorioso e heroico passado” ligado às grandes navegações, das quais se originou o Brasil, era destacado por J. dias da Rocha, com o poema “Os argonautas”:

⁵⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 2 out. 1887. A. 1. N. 1. p. 3.

⁵¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 2-3.

Quando soltas os cabelos
Eu creio que a noite desce,
Mas vejo logo que é dia
Se o teu olhar me aparece.

Quando eu morrer, não te esqueças
Da promessa que fizeste,
Manda enterrar o meu corpo
Sob um tristonho cipreste.⁵²

Nos recortados golfos da Moréa
Vai à monção propícia aos navegantes,
Enquanto o sol, com raios flamejantes,
Mares e céus de púrpura incendeia.

A marinhagem vigorosa alteia
Da larga vela os panos triunfantes
E a quilha, ao som dos ventos sibilantes
Range, de leve, recortando a areia.

A multidão na praia aglomerada
Segue a manobra à vista embaciada,
Represa a voz nos ímpetos do choro...

Soa o momento extremo da partida:
E a aventureira barca ousada e ardida
Move a esperança da tosquia de ouro.⁵³

As incertezas e até infortúnios do amor romântico também se fizeram presentes nas páginas da *Comédia Social* por meio da publicação de versos do poeta português Antero de Quental. As emoções amorosas também marcaram presença no poema “Num terraço – souvenir dos

⁵² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.

⁵³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 3.

velhos tempos”, do escritor fluminense Luiz Guimarães Júnior:

Num sonho todo feito de incerteza,
De noturna e indizível ansiedade,
É que eu vi teu olhar de piedade,
E (mais que piedade) de tristeza...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor trivial da mocidade...
Era outra luz, era outra suavidade.
Que até nem sei se as há na natureza.

Um místico sofrer... uma ventura
Feita só do perdão, só da ternura,
E da paz da nossa hora derradeira.

Oh! visão, visão triste e piedosa
Fita-me assim calada, assim chorosa...
E deixa-me sonhar a vida inteira.⁵⁴

Como as pombas mansamente	Nossas almas viajantes
Ao cair das tardes calmas,	Vão, num giro enamorado,
Vão repousar mansamente	Como as pombas alvejantes,
No ninho odoroso e quente;	Pousar nas nuvens distantes
Nossas almas,	Do passado!... ⁵⁵

Outro sentimento expresso nas poesias publicadas no semanário humorístico rio-grandino eram as saudades da terra natal, manifestadas em poema “No álbum de uma oriental” do poeta maranhense Adelino Fontoura. Na

⁵⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 3.

⁵⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 1.

mesma edição, as dores provenientes do amor eram retratadas em versos sem título e de autoria anônima⁵⁶:

Quando no escuro céu tempestuoso
Descem do inverno as sombras gotejantes
E canta o vento um salmo angustioso,
E o mar soluça uns cânticos distantes;
De andorinhas o bando rumoroso
Voa, ruflando as asas palpitantes
Em outros climas vai buscar guarida,
Amor e ninho e luz e calma e vida!

Assim estas estrofes forasteiras
De minha alma se apartam fugitivas
E vão longe das terras brasileiras
Buscando o amor das almas compassivas.

Dai às minhas palavras estrangeiras
Abrigo nestas páginas festivas,
E possam entre clima e sóis diversos
Achar vida e calor meus pobres versos.

Há dores fundas, imensas
Que o tempo jamais consome,
Há dores que não têm nome,
Díficeis de traduzir!

Nem os prantos, nem as queixas,
Nem os gemidos profundos,
Exprimem quanto são fundo
Dos corações o sentir.

O sentimento proveniente das relações amorosas era enaltecido nos poemas “Indolente”, de Joaquim de Almeida e “Soneto a duo”, de Argiro e P. Otten, publicados no mesmo número⁵⁷:

⁵⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 3.

⁵⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 2.

Era uma tarde de um domingo triste,
A cântaros chovia;
Reclinada, indolente, langorosa,
Eu via, eu via
Pensando em que não sei:
Alegre a se sorrir com bonomia,
E à cadeira de balanço dando,
Suave impulso brando.

Era tão bela assim!...
Eu chamava-lhe anjo, querubim,
Estrela, o que sei eu?!
E ela olhando a chuva que caía
Nos lagos do passeio,
Sorrindo me dizia:
“Que tarde tão tristonha, e como é feio
O céu assim toldado!
Oh! como eu sinto na alma umas saudosas
Lembranças do passado!
E suspirando,
Deixava-se embalar toda nervosa
Sempre à cadeira de balanço dando,
Suave impulso, brando.

Quando te vejo, mimosa,
Sinto minha alma invadida
Por novo sopro de vida
Numa esperança ditosa...

Mas sei também que ao me
veres,
Sentes tua alma vazia
Dos teus mais doces prazeres

É a luz de estrela radiosa,
Ferindo a noite perdida,
Foge-me a voz dolorida
Numa canção sonora.

E eu faço, a dor que te invade,
Uma canção de alegria
Da tristeza, da saudade!

Em uma mesma edição da *Comédia* foram exaltados
vários sentimentos através da poesia, como o amor, em
“Teus olhos”, sem indicação de autoria; a amizade e a

separação, em um soneto anônimo; o amor e a morte, nos versos do poeta português Santos Valente; e a emoção da volta para o lar, nos versos intitulados “Rachel”, do escritor santista Vicente de Carvalho⁵⁸:

Teus olhos expressivos, cintilantes,
Mostram dois mundos de ideal fulgor:
Dois mundos que refletem palpitações
O rir da esperança, o soluçar da dor!

São belos, poderosos, têm magia;
Parecem perscrutar os corações!
Fazem real um sonho, uma utopia,
E sabem acender inspirações!

Não há quem não deteste inimicícias,
Quem não folgue nos braços da amizade
Que é grande e perenal felicidade
Do amor ser bafejado às sãs carícias.

Nada valem do mundo as vãs divícias,
Fatais à parte mor da humanidade;
É na amiga e leal fraternidade
Que se encontram prazeres e delícias.

Feliz, caro Malhado, a criatura
Que, como tu, concerta na união
Que os laços da amizade estreita e apura.

É odiosa e vil separação;
Só é doce, vital e sempre dura
A concórdia que gera o coração.

⁵⁸ *COMÉDIA SOCIAL*. Rio Grande, 22 jul. 1888. A. 1. N. 40. p. 2.

Eu, bom Alberto, as lágrimas que choro,
Se ainda a fonte que as gera não secou,
São todas por aquela a quem adoro
Mesmo depois que a morte me a levou.

Amou-me um dia só, o derradeiro
Da vida que tão prestes lhe fugiu,
Mas esse amor, não o há mais verdadeiro,
Nem mais constante nunca o mundo viu.

Mentem outras talvez, delas não falo;
Mas a que um dia o coração me deu
Não me traiu, nem trai, posso jurá-lo,
Porque foi nesse dia que morreu.

Volvo saudoso e alegre a este ermo, de onde
Saí criança e onde não mais volvera:
A última flor da minha primavera
Morta, sob estas árvores se esconde.

E ainda hoje, tudo que com os olhos sonde,
Árvores, sombra, os muros cheios de hera,
Tudo – lembranças na alma gera,
Tudo – a reminiscências me responde.

Tudo acho o mesmo... Unicamente aquela
Palmeira em cujo dorso o nome dela
Tremulamente as minhas mãos gravaram,

Perdeu as letras com o correr dos anos...
E esse nome que os anos apagaram,
Não me o apagaram da alma os desenganos!

Os desencantos amorosos também estabeleceram
sua presença nas folhas impressas do hebdomadário

satírico, com os versos “Escuta” de José Canuto, e os anônimos “Trovas ciganas”⁵⁹:

Qual doida e leve canoa
Que sem rumo vaga à toda.
Por sobre as ondas do mar:
Assim minha alma querida,
Sem governo erra perdida...
Por causa do teu olhar!

Mas, a canoa nas águas,
Quebrando as ondas nas fráguas
Pode, um abrigo encontrar...
Porém minha alma coitada!
De teus olhos desprezada,
Amparo não pode achar.

Só sabe o que são desgostos
Quem por eles tem passado,
Quem de sofrê-los, no peito,
O coração traz cansado.

Nem sei como pode tanto
Resistir meu coração.

Um só instante de tréguas
Os meus males não me dão,

Mais feliz do que já fui
Eu hoje me considero,
Porque não tenho ilusões
Não desejo e nada espero.

Encontros e desencontros amorosos eram outros dos sentimentos expressos nas páginas da *Comédia*, nas palavras vernejadas de Azevedo Júnior, sob o título “Um beijo” e no verso anônimo “Duas pérolas”⁶⁰:

A boca, doce ninho
De beijos e de amores,
Encerra os esplendores
Das rosas e do arminho;

Oh! quem me dera agora
À boca sedutora
Os lábios meus colar!

E no gentil cantinho
Dos lábios tentadores
Voam os beija-flores
Do meio sorrisinho.

Mas ah! – fútil desejo –
A sede de um teu beijo
Jamais posso eu matar!

⁵⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 1.

⁶⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 1 e 3.

Veio uma gota do céu
E disse à gota do pranto:
- Que vale teu doce encanto,
Comparado com o meu?

E com sarcasmo profundo
Disse à lágrima sem pejo:
- Eu, com a esperança, vejo
As sagradas leis do mundo.

Eu venho dentre os vapores
Celestes do firmamento,
Trazer a vida, o alento
Às suavíssimas flores.

Ter reclinada no véu
Que a branca nuvem encerra
Tu desces do céu à terra:
E eu subo da terra ao céu!

Uma visão bucólica, envolvendo a natureza, a divindade e o nascer do dia se fizeram presentes também nos sentimentais versos de Pedro Tavares intituladas “Trinos”:

Desponta o sol. Pelos prados
Brinca a manhã: cada riso
Traduz os sonhos doirados
Dos anjos no paraíso...

Que doces brisas! que arpejos
Nas verdes matas em flor?
Como o estalar de mil beijos
Como uns protestos de amor!
É que Deus – o eterno autor –
Da celeste melodia...
Atira aos prelos da vida
Mais este poema – o dia!⁶¹

⁶¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 1.

Anúncios versificados

A sobrevivência não foi fácil para muitos dos periódicos que circularam no século XIX, de modo que “as precárias condições de infraestrutura, a falta de uma base comercial mais bem organizada e as dificuldades na obtenção de recursos para sua sustentação financeira representaram o preço” pago pela pequena imprensa “para manter acesa a chama da contestação”. Ficava estabelecido “verdadeiro círculo vicioso, pois o espírito crítico destas folhas normalmente afastava os anunciantes e até os possíveis ‘favorecedores’”, enquanto que, “abandonar sua natureza crítica também poderia significar um risco”, pois assim não poderiam oferecer um diferencial em relação à imprensa diária. Assim, os pequenos jornais tiveram de enfrentar uma enorme carência quanto à quantidade de publicidade em suas páginas (ALVES, 2002, p. 478-479).

A *Comédia Social* também enfrentou esse tipo de problema e para tanto buscou uma solução criativa e pouco usual, publicando anúncios em formato versificado. Nessa linha, tal prática poderia trazer em si uma “analogia limitada pelas discrepâncias cronológicas, mas, ainda assim, válida, com os jingles, os bordões e/ou os jargões, utilizados pelos meios de informação de massa, contemporaneamente”, de modo que versos ritmados serviriam para despertar a atenção do leitor e propagandear vários tipos de produtos (ALVES, 2001, p. 161).

A iniciativa dos anúncios versificados tornou-se uma constante na *Comédia*, havendo propaganda dos mais

variados estabelecimentos, notadamente os comerciais, cujos endereços apareciam logo abaixo do anúncio. A principal marca criativa dos redatores, além do uso dos versos, era apontar a qualidade dos produtos e, em geral, destacar a superioridade do anunciante em relação aos seus concorrentes. Por vezes havia um texto melhor elaborado, levando em conta o pragmatismo e utilitarismo do mesmo, em outras, não passava de um arrolamento de produtos, precisamente calculados, de modo que ao menos a rima fosse respeitada. Alguns dos anunciantes parecem ter gostado dos resultados, pois certos estabelecimentos repetiram suas propagandas em várias edições do semanário.

Na linha da simples listagem de produtos esteve a propaganda dos armazéns “Severo”, “João Lamosa” e “Cândido Alves Pereira”⁶²:

Cerveja preta,	Vinho, caninha,	Copos, garrafas,
Branca também,	Milho, feijão,	Pratos, sopeiras
Charque, gordura,	Azeite doce,	Xícaras, cálix,
Qual ninguém tem.	Velas, carvão;	Sofás, cadeiras.
Arroz, pimenta,	Batatas, mel,	Bacias, jarros,
Bom bacalhau,	Arroz, canjica,	Mesas, fruteiras,
Gasosa, gás,	Banha, toucinho,	Carrinhos, salvas
Fósforos de pau.	Linguça rica.	E escarradeiras.
Latas de doce,	Sardinhas, chá,	Espelhos, bules,
Maisena, milho,	Café, bolachas,	Bons galheteiros,
Cigarros, fumo,	Conhaque, sal,	Lampiões finos
Café, polvilho.	E lenha em achas;	E açucareiros,
Lápis, canetas,	Palitos, penas,	Mobílias chiques,
Linha em romanos,	Papel, farinha,	Mesmo sem par,
Barbante, e grampos	Manteiga, passas,	Tudo se encontra
Para os cabelos.	E cevadinha.	Neste bazar.

⁶² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.

Ainda na perspectiva do rol de produtos, foi o anúncio da “Sapataria Scaravaglione”⁶³, dos armazéns “Pombalinos” e Peninsular e da loja de armarinhos “Antônio Bastos Palhares”⁶⁴:

Botinas grossas,
Finas também,
Sapatos, botas,
Que ninguém tem;
Preços baratos
De seduzir;
Quem duvidar,
É a nós vir.

Obra elegante,
Forte, bem feita,
Que até aos coxos
Logo endireita.
Couros diversos,
A escolher,
Obra de gosto,
Ver para crer.

Doces, licores,
Vinhos, sardinhas,
Arroz, batatas,
E bolachinhas;
Banha, feijão,
Farinha, lenha,
Desafiamos
A quem mais tenha.

Erva mate,
Bolachinhas,
Rapaduras,
E sardinhas;
Bom vinagre,
Sal, toucinho,
Fino azeite,
Gás, cominho.

Cigarros bons
E variados,
Charutos finos
Mui procurados.
Bons canivetes,
Fumos diversos,
E outros artigos
Que estão dispersos.

Sabão, vassouras,
Carvão, toucinho,
Vejam e pasmem
Como é fresquinho;
Linguiça, queijo,
Sal e melado,
Tudo barato
Mas não fiado.

Colorado,
Bacalhau,
Feijão preto
Menos mau.
Doce em latas,
Vinho fino,
Chá da Índia
Genuíno.

Chapéus da moda
Chiques, galantes,
Que até aos feios
Fazem chibantes.
“*Porte monnaies*”
Muito catitas,
E mil teteias
Todas bonitas.

Em outra linha, estavam os anunciantes cujo destaque era a descrição dos serviços prestados, como a

⁶³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 abr. 1888. A. 1. N. 27. p. 4.

⁶⁴ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 4.

“Relojoaria de Libânio Pinto Moreira” e o “Gabinete dentário de Vitorino Mangualde”⁶⁵:

Com máxima perfeição	Pelos diversos sistemas
E preços inda melhores,	Até hoje conhecidos,
Nós consertamos relógios	Colocamos dentaduras
Inda mesmo dos piores;	Sendo os preços reduzidos.
De níquel, de prata ou ouro	Atendemos a chamados
Isso pouco nos importa,	A qualquer hora do dia.
O caso é não se enganarem	Tendo apenas que se notar
Com o número da porta.	Nesta casa não se fia.
 Também compomos quaisquer	 Quase que instantaneamente
Caixa de música, e é certo	Tiramos dentes também,
Que o freguês não sai logrado	Garantindo que o trabalho
Seja tolo ou seja esperto.	Não há de zangar alguém.
Há inda na mesma casa	Quem duvidar deste anúncio
Barbearia excelente;	Venha ver para acreditar,
A ela, a ela fregueses	Nós não temos, o sistema
Venham ver que ninguém mente.	De falar só por falar.

Outros anúncios versejados eram respectivamente feitos por “Ao Sandim Júnior – Armazém”, “Armarinho de Fancisco Vansilloto”, “Fotografia Moderna de Antônio Bento de Souza”, “Estabelecimento de Antônio João da Eira” e “Ao Hotel de Coimbra & Cardoso”⁶⁶:

Gêneros todos	Chitas, baetas	Cartões chamados
Superiores,	Lenços, flanelas,	Imperiais.
Sim, pois melhores	Ligas mui belas,	E de visita,
Quem é que tem?	Fitam também;	Por preços tais,
Queijos, sardinhas,	Linhas, cadarços,	Que causa assombro,
Doces, cerveja	Grampos, colchetes,	Pasmo e até raiva,
Que faz inveja	Bons sabonetes,	Aos que se dizem
Sabem a quem?	Tudo aqui tem.	Nossos rivais.

⁶⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 abr. 1888. A. 1. N. 28. p. 4.

⁶⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 4.

A quem deseja	Brins, cassinetas,	Retratos grandes
Querer passar-nos,	Cassas, lâzinhas,	Bem acabados,
E eclipsar-nos	Meias, mantinhas,	Pelos sistemas
Com seus anúncios,	Finas fazendas;	Mais procurados;
Mas nós seguimos	óleos, estratos	Ditos pequenos
Sempre adiante.	Muito baratos.	Mas mui perfeitos,
Dizendo: - avante,	Metins, fivelas,	Emoldurados
Salta <i>pafúncios</i> .	Bonitas rendas.	Ou de outros jeitos.

Ricos e lindos selins	A qualquer hora
Nacionais e estrangeiros,	Sempre prontinhas,
Para montaria de damas	Tem petisqueiras,
E também de cavalheiros;	Mui gostosinhas;
Lombinhos e serigotes,	Belas moquecas
Badanas acolchoadas,	Apimentadas
Mantas para selim e rédeas	Bifes, guisados,
Com bem feitas cabeçadas.	Boas saladas.
Barrigueiras com espelhos,	Rosbife, canja,
Lisas e bem lavradas,	Café e doce,
Bons arreios para carros,	Como se dia
Obras mui bem acabadas.	De festa fosse;
Estribos, bocais, esporas,	Vinhos, cerveja,
Espingardas de dois canos,	Ovos, linguiça,
Sortimento de cartuchos	Que só cheiro
E revólveres soberanos.	Nos faz cobiça.

Também estamparam suas propagandas na *Comédia Social*, a “Loja Primavera”, a “Farmácia Masseron”, o “Armazém Italiano”, “Ao Clarão da Lua – Loja da Bandeira Vermelha”, o “Gabinete Dentário” e a “Alfaiataria Lusitana”⁶⁷:

⁶⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 4.

De cetim, mimosas fitas,
Rendas chiques, sem iguais,
Gravatas das mais modernas,
Das que não temem rivais.
A mil réis – parece incrível –
Lindos cortes de coletes
Camisas de puro linho,
Delicados alfinetes.

Colarinhos mui catitas,
Usá-los sempre quem dera,
Temos certeza, mais lindos
Ninguém tem que a Primavera
Também fazendas de gosto
Sedas, linhos, gazes, fitas
E tudo, tudo que almejam.
As gentis moças bonitas.

Chapeuzinhos para criança,
Ditos de sol, de zanela,
Botões de nobreza e louça,
Coisa chique e até mui bela;
Alpaca fina, lavrada,
Cadarço branco de linho,
Tudo, tudo superfino,
Tudo, tudo baratinho.

Cabides de nova espécie,
Serrotes grandes, pequenos
Colheres, garfos, verrumas,
Tudo para gostos amenos;
Rascadeiras, broxas, fouces,
Torneiras boas, de estanho,
Escovas, torqueses, chaves,
Vende-se tudo sem ganho.
Tiram-se dentes sem dor

Medicamentos modernos
Dos mais célebres autores
Nacionais e estrangeiros,
Contra febres, tosses, dores;
Não tememos competência
Nos preços nem qualidades;
De xaropes e pastilhas
Temos mil variedades.

Com prontidão aviamos
Receitas a qualquer hora.
Prima sempre a nossa casa
Em não ter nisso demora.
Farinhas para sinapismos,
Para cataplasmas também,
Ungentos e laxantes
Como iguais ninguém mais tem.

Cetins de todas as cores
Custando 500 réis,
Beija-flor a 120,
Chamalotes a 1:000.
Camisetas e damascos,
Rendas, flores, belbutinas,
Plissés, penachos e luvas
Meias, chitas muito finas.

Cetinetas floreadas
Por preços sem competência,
Linho e seda – é abertinho –
Pode ir ver Vossa Excelência.
E mais um cento de cousas
Todas chiques, sem rival,
Tem na “bandeira vermelha”;
Custa menos do que val.
Casimiras das mais finas

Trabalho assaz delicado,
Pelos modernos sistemas,
E preço mui moderado.
Vende-se pó Trajanino
Que limpa e embeleza os dentes,
Sendo já reconhecido
Ser de efeitos excelentes.

Sortimento primoroso,
Padrões modernos, à escolha
Do freguês mais caprichoso.
Com máxima brevidade
Se apronta qualquer costume
Que faz morrer aos colegas
Nos anseios do ciúme

Também se atende a chamados
Para os misteres já sabidos,
Fazendo-se dentaduras
Por preços mui reduzidos.
Das nove às quatro da tarde
Podemos ser procurado
Na Rua dos Príncipes, esquina,
Da Zalony, num sobrado.

Tesoura já adestrada
Não teme competidoras,
Pois corta segundo a moda
As roupas mais sedutoras.
Nos preços – negócio à parte –
Ninguém nos iguala, e é certa
A barateza que espanta
Deixando de boca aberta.

A loja de armarinhos “Ao Louvre”, a “Relojoaria Masseran de Manoel M. da Silveira Júnior” e a “Livraria Americana”⁶⁸, uma das mais importantes de seu gênero no Rio Grande do Sul também colocaram suas propagandas nas páginas do semanário satírico:

Nesta casa sem rival
No preço dos seus artigos,
Encontraram os amigos
Das pechinchas sem igual,
Calçado bom, fino e forte,
Para senhoras e meninas,
Rapazes de pernas finas
E velhos do sul ou norte.

Tem também na mesma casa
Fazendas mui procuradas,
Principalmente para moças,
Lindas, chiques, requestadas.
Dá se tudo por um preço
Que causa pasmo ao freguês,
Experimentem e vejam
Que em vez de um compram três.

⁶⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 abr. 1888. A. 1. N. 30. p. 4.

Relógios para senhora,	Também se fazem consertos
Para cavalheiros também;	Por preços mui reduzidos,
De plaquê, de prata e ouro,	Garantindo que os fregueses
Como iguais ninguém mais tem.	Saem todos bem servidos.
Pêndulas boas e finas,	A fama que há muito goza
Garantidas sem rival,	Esta casa, na cidade,
Relógios para parede,	Bem mostra ser conhecida
Correntes de bom metal.	Por sua capacidade.

No seu gênero, a primeira	Livros próprios para estudo,
Que temos nesta cidade;	Ditos em branco, poesias,
Vende papel, penas, tinta,	Poemas de bons autores,
Da mais fina qualidade.	Verdadeiras harmonias.
Lousas, lápis, livros, lacre,	Também fazem-se cartões
Papel próprio para impressão,	Com presteza e nitidez;
Romances, dramas, comédias,	E imprime-se qualquer obra
Tudo em conta e em profusão.	Ao agrado do freguês.

Anúncios versejados foram publicados ainda pela “Venda do Militão”, por “Ao Correeiro Elias” e pela “Fotografia Moderna de Antônio Bento de Souza”⁶⁹:

Gêneros bons,	Charque excelente,
Superiores.	Letria, figos,
Que temos crença	Que só vendemos
Não há melhores;	Para os amigos;
Arroz, farinha,	Passas, maizenas,
Milho, toucinho,	Nozes, caninha,
Café e banha,	Vinhos, cerveja.
Queijo fresquinho.	Chá, cevadinha.

⁶⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 3-4.

Baús grandes e pequenos	Em malas, selins e freios
De excelente qualidade	Badanas e serigotes,
como cremos, na cidade	Não tememos ter os botes
Não temos competidor,	De outro qualquer bom autor;
Na nossa casa se faz	E nos mais artigos próprios
Por preços tão reduzidos,	Nem as mãos mesmo medimos,
Que ficam enfurecidos	Só ao público pedimos:
Os colegas, sim senhor.	– Venham ver, façam favor.

Cartões chamados	Retratos grandes
Imperiais.	Bem acabados,
E de visita.	Pelos sistemas
Por preços tais,	Mais procurados;
Que causa assombro	Ditos pequenos
Pasmo e até raiva,	Mas mui perfeitos,
Aos que se dizem,	Emoldurados
Nossos rivais!	Ou de outros jeitos.

Outros anunciantes eram o armazém “Braga & Silva”, o prestador de serviços “Ao Villas Boas”, o ourives “Ao Pinto Monteiro”, o “Armarinho e Alfaiataria de Alves & Pessoa”⁷⁰:

Caixinhas das mais mimosas	Biscoitos finos, ingleses,
Com frutas cristalizadas,	Manteiga nacional,
Queijo de Minas tão frescos	De um sabor muito agradável,
Que até parecem cocadas!	A 2 e cem por sinal.
Açúcar sem competência	E muitos gêneros, todos
Nos preços e qualidade,	Bons, gostosos, delicados,
Por mais que busquem, procurem,	A eles pois quem quiser,
Não há igual na cidade.	Só não se vendem fiados.

⁷⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 4.

Pinta-se com arte e gosto,
Doura-se com perfeição,
Trabalhos recomendados
É muito em conta, isso então
Temos certeza que a palma
Nos deve sempre tocar,
Pois trabalhos mais baratos
Jamais poderão se achar.

Também nos encarregamos
De forrar qualquer salão,
De tapete ou de esteirinha,
Ao gosto do cidadão.
A qualquer hora do dia
Podemos ser procurados,
Garantindo a quem chamar-nos
Que não ficará logrado.

Com máxima perfeição,
Muita arte e delicadeza,
Consertam-se obras de ouro
Havendo toda a presteza,
Também se prateia e doura-se
Por preços mui reduzidos
Sendo todos os trabalhos
Baratos e garantidos.

Compra-se ouro, prata e pedras
Pagando-se a bom dinheiro
Sendo que, em compor relógios
Somos grande barateiro.
Pode já vir procurar-nos
Quem duvidar deste dito,
Ou então faça a encomenda
Diga depois: – acredito.

Roupas brancas já prontinhas
Que é só chegar e vestir;
Gravatas, lenços, perfumes.
E o mais que o freguês pedir.
Nesta casa há um sistema
É não pensar em ganhar.
Deseja-se vender muito,
Pouco importando o lucrar.

Com esmero, barateza,
Prontidão sem competência,
Também se fazem costumes
Dos chiques, por excelência.
Para os mesmos sempre temos
Casimiras das mais finas,
Que o dândi que delas compra
Atrai o olhar das meninas.

Um outro armazém, o “Rafael G. Carril” passou a anunciar, “Ao Sandim Júnior – Armazém” mudou a segunda estrofe da sua propaganda⁷¹. Também surgiu o novo anunciante “Cabeleireiro Jacques Lucien Ser”⁷²:

Vinhos e passas,
Arroz, caninha,
Feijão, toucinho,
Velas, farinha.
Charque, linguiça,
Queijo, batatas,
Genebra e massas
Muito baratas.

Gêneros todos
Superiores,
Sim, pois melhores
Quem é que tem?
Queijos, sardinhas,
Doces, cerveja
Que faz inveja
Sabem a quem?

Figos, sardinhas,
Nozes, palitos,
Frascos com doces
Bons e bonitos;
Conservas, banha,
Gasosa, linhas,
Grampos e ainda
Muitas coisinhas.

Aos invejosos,
Aos cobiçosos,
Que só desejam
Fazer-nos mal;
Mas que se mordam
Desesperados,
Pois nós seguimos
Sem ter rival.

⁷¹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 20 maio 1888. A. 1. N. 33. p. 4.

⁷² COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 4.

Com o bom gosto francês
Se executam penteados,
Para bailes, espetáculos,
Lanches, festas e noivados.
Também frizam-se cabelos
Com mimo e delicadeza,
Havendo sempre nos preços
Excessiva barateza.

Para cortes de cabelos
Tem oficiais peritos,
Bem como para barbear
Velhos ou moços bonitos.
Vende-se: óleos, perfumes,
Sabonetes, “cosmetiques”
Pós para dentes, opalas.
Escovas e pentes chiques.

Ainda se tornaram anunciantes da *Comédia Social*, a “Sapataria de Delfim Vianna”, a “Venda de Carvalho & Magalhães”, a “Cigarraria de Manoel da Costa Júnior” e o restaurante “Ao Baxixe”⁷³:

Botinas desde as mais grossas
Próprias para fira estação,
Até as mais delicadas
Para pisar-se num salão.
Sapatos fortes, bem feitos,
De fazenda ou couro fino,
Que satisfaçam o gosto
Do mais faceiro “menino”.

Prontidão, preços baratos,
Obra boa, caprichada,
É no que sempre primamos
- Não creiam que é *caçoadá*. -
Também fazemos com gosto
Lindas botas de montar,
Elegantes, coisa chique,
Podem vir experimentar.

Nesta casa acreditada
Por sua modicidade
Nos preços, e ainda mais
Pela boa qualidade
De tudo que expõe à venda
A varejo e em quantidade,
Há sempre os seguintes
gêneros
Formando especialidade:

Farinha de trigo, azeite,
Charque, fósforo, toucinho,
Lenha, carvão, querosene,
Velas, feijão e cominho.
Arroz, letria, batatas,
Vinho, cebolas, caninha,
Vinagre, figos e passas,
Nozes, café, cevadinha.

⁷³ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 3 jun. 1888. A. 1. N. 35. p. 4.

Que quiser comprar cigarros
Frescos, finos, delicados.
Dos fumos mais afamados,
De palha e papel também,
Não tem mais que à nossa casa
Dirigir-se incontinente,
Pois temos tudo excelente,
Como não tem mais ninguém.

Em charutos nem se fala
A granel ou em caixinhas,
Emaçados com fitinhas,
Temos grande profusão;
Fósforos de cera, piteiras,
Fumo bom, marcas diversas,
E mil coisas que dispersas
Não nos lembra agora, não.

Digam lá o que disserem
Os colegas, nós aqui.
Temos tudo mais barato
Do que os mais têm por aí;
Petisqueiras excelentes,
Carne e peixe a qualquer hora
Tudo feito com asseio,
Com bom gosto e sem demora.

Chá, café, doces, saladas,
Vinhos finos, saborosos,
Mocotó, às quintas-feiras,
E mil pratinhos gostosos.
Quem deixar de passar bem
Por um preço assaz mesquinho,
É porque é tolo, ou não sabe
Do “Mercado” este cantinho.

Os estabelecimentos que faziam propaganda na *Comédia* eram diversificados, como a “Casa de Máquinas de Antônio Alves do Couto e Sá”, o restaurante “Ao José Tomás”, o “Armazém de José Antônio de Carvalho Guimarães”⁷⁴, uma nova seção da loja “Ao Louvre -

⁷⁴ *COMÉDIA SOCIAL*. Rio Grande, 17 jun. 1888. A. 1. N. 36. p. 3-4.

calçado –”, o armarinho que mudara ligeiramente o nome e o anúncio, “A Primavera” e a “Cigarraria de Daniel Moraes”⁷⁵:

Dos mais modernos sistemas
E dos antigos também,
De pé, de mão, dois pespontos,
Temos como mais ninguém.
Máquinas boas, perfeitas,
Garantidas sem iguais,
Possuímos sortimento
Contando breve com mais.

Também agulhas para as mesmas
Carreteis grandes, pequenos,
Com retrós de cor ou preto
Temos milhão mais ou menos!
Linhas de todas as cores
Uma enorme profusão.
Tudo por preço barato
Como os consertos o são.

Quitutes apimentados
De um sabor particular,
Peixe frito, guisadinho
Fritadas de regalar.
Bifes, ovos, omeletes,
Boas sopas, diferentes.
Canja, galinha ensopada,
Café e chá sempre quentes.

Feijoadas saborosas
Adubadas com esmero,
Pois segundo a nossa praxe
Prima este prato em tempero.
Vinho, doce, queijo e tudo
Que é mister ter em tais casas,
Não faltando o pão torrado
Para o que tem mui boas brasas.

Nossa grande freguesia
Pode – querendo – atestar,
De temos ou não, de tudo
Que o freguês possa buscar.
Açúcar fino, excelente,
Outro um tanto inferior,
Manteiga, café, bolachas.
Chá hissom superior.

Banha, toucinho, feijão,
Arroz, letria, caninha,
Milho, batatas, linguiça,
Graxa, carvão e farinha.
Vinho, polvilho, palitos,
Lenha, vinagre, sardinhas,
Velas, canelas, cebolas,
Azeite, gás, bolachinhas.

⁷⁵ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 3-4.

Horrorosa queimação
Em calçados para senhoras,
Bem como para crianças
Botininhas sedutoras.
Por mil e quinhentos, só
Custa a crer mas é verdade,
Temos um par de botinhas
Verdadeira novidade!

Para homens também temos
Sortimento grandioso
De botinas de bezerro,
Por um preço vergonhoso!
Sapatos de duas solas,
Ditos finos, delicados
De pelica ou cabritinha
Fortes e bem acabados.

Alfinetes primorosos
De filigrana de prata,
Recebeu a “Primavera”
Que em bom gosto as rivais mata.
Obra fina, delicada.
Trabalho mesmo de gosto,
Que faz realçar das moças
O galante e meigo rosto

Um dos nossos pregadores
Vale o triplo do seu preço.
E faz mais vista acreditem
Do que um completo adereço,
A eles pois, que a demora
Pode ter mau resultado;
É de crer que muito breve
Não nos fique um só guardado.

Cigarrinhos delicados,
Próprios para moços janotas,
Não são desses ordinários
Que uma qualquer “par de botas”
Cigarreiras, carteirinhas,
Charutos, fumo picado,
Colarinhos, alfinetes,
Tudo bom mas não fiado.

Gravatas, perfumarias,
Teteias de muito gosto,
Piteiras, pentes, escovas,
Pós para dentes e para o rosto.
Gentis abotoaduras
De plaquê, gênero fino.
E mil artigos da moda
Sendo tudo genuíno.

Tal diversificação de anunciantes manteve-se no periódico, com as propagandas do “Pintor Joaquim Cavalcante de Albuquerque”⁷⁶ e do “Armazém e refinação de Braga & Silva”⁷⁷:

⁷⁶ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 8 jul. 1888. A. 1. N. 38. p. 4.

⁷⁷ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jul. 1888. A. 1. N. 39. p. 4.

Com capricho inexcedível
 Fazemos qualquer pintura,
 Garantindo que o trabalho
 Não será de pouca dura.
 Também douramos com arte,
 Nitidez, muita presteza;
 Havendo ainda a vantagem
 De uma enorme barateza.

Esteiramos qualquer sala,
 E tapetamos também,
 Para o que possuímos jeito,
 Gosto e prática inda além.
 Quem quiser dar-nos a honra
 De confiar qualquer obra,
 Avise à casa indicada
 Onde o tempo mal nos sobra.

Açúcar cristalizado
 Da mais fina qualidade,
 Como outro igual garantimos
 Não existe na cidade.
 Temos também refinado,
 Branco, bom, e inferior,
 Assim como mascavinho
 No seu gênero o melhor.

Chocolate homeopata
 Saboroso e mui fresquinho,
 Chá hissom, licores, vinhos,
 Tudo sempre baratinho.
 Farinha de milho, nova
 Muito fina e delicada,
 E muitos gêneros mais,
 Que enumerar é maçada.

Mesmo naquelas que indicaram ser suas últimas edições, a *Comédia Social* não perdeu material publicitário, surgindo inclusive novas propagandas, como as dos armazéns “Ao Damião”⁷⁸ e “Ao José T. Fandim”⁷⁹, além da “Fábrica de velas e sabão de Moreira & Irmão”⁸⁰:

Azeite de amendoim,
 Polvilho superior,
 Goiabada a dois tostões
 Manteiga a 1\$000, que horror!
 Ovos frescos, garantidos,
 Por preço inqualificável,
 Boa massa de tomates
 De um sabor muito agradável.

Queijo de Minas, palitos,
 Fósforos, sal, sabão fino,
 Pinhões em sacos e quartas,
 Melado bom, genuíno.
 Velas de composição
 Pacotes grandes, pequenos,
 Alpista, castanhas verdes,
 Amendoins muito amenos.

⁷⁸ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 15 jul. 1888. A. 1. N. 39. p. 4.

⁷⁹ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 22 jul. 1888. A. 1. N. 40. p. 4.

⁸⁰ COMÉDIA SOCIAL. Rio Grande, 29 jul. 1888. A. 1. N. 41. p. 4.

Gêneros todos
Superiores,
Sim, pois melhores
Quem é que tem?
Queijos, sardinhas
Doces, cerveja,
Fazendo inveja
Sabem a quem?

Aos invejosos,
Aos cobiçosos,
Que só desejam
Fazer-nos mal.
Mas que se mordem
Desesperados,
Pois nós seguimos
Sem ter rival.

Velas pequenas e grandes
De sebo superior,
Em porção ou a varejo
Ao gosto do comprador,
Temos para diversos preços,
E todos são tão em conta,
Que ninguém em outra casa
Tão barato nos aponta.

Também sabão amarelo
No seu gênero excelente,
Bem como do mais escuro
Espumoso e consistente;
Diz a nossa freguesia
Que – não há em parte alguma
Velas que deem mais luz,
Nem sabão com mais espuma.

Um dos últimos anunciantes a surgir na seção publicitária do semanário foi a “Loja de ferragens de Costa Ferreira & C.” e, como a indicar o desaparecimento do jornal, apareceu a propaganda do “Estabelecimento funerário de Lacroix & C.”⁸¹:

Pregos grandes e pequenos,
Dobradiças, fechaduras,
Painéis, enxadões, tachos,
Fitas tintas para pinturas.
Balões, cola, pincéis, brochas,
Escovas para brocar,
Torquês, serras, serrões,
Fios próprios para engomar.

Tesouras, pás, saca-rolhas,
Verrugas, limas, peneiras,
Canivetes, parafusos,
Machados, cordas, chaleiras.
Picaretas, chumbo, ancinhos,
Pólvora, lixa, esmeril,
(...), louças, barbante,
Cafeteiras mais de mil.

⁸¹ *COMÉDIA SOCIAL*. Rio Grande, 19 ago. 1888. A. 1. N. 44. p. 4.

Caixões para adultos e anjinhos,
Com presteza, sem demora,
E perfeição nos trabalhos,
Se fazem a qualquer hora.
Dão-se os passos (...)
Em tão cruéis emergências,
Garantindo que nos preços
Não se temem competências.

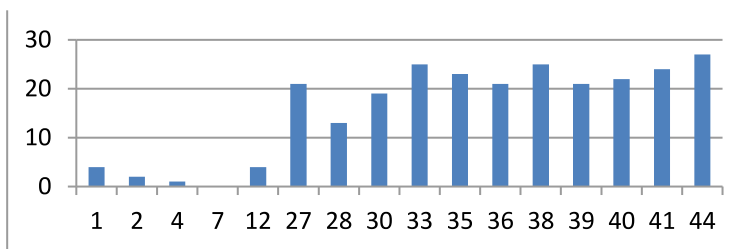
Armam-se igrejas para festas,
Altars para batizados,
Bem como para casamentos,
Para o que dispõem de bordados,
Lantejoulas, rendas finas,
Sedas, veludos, estrelas,
Galões, damascos e tudo
Não esquecendo-se das velas.

Considerações finais

Dessa maneira, a *Comédia Social* utilizou-se com intensidade do recurso do texto versificado para apresentar vários dos seus segmentos, fosse para apresentar suas ideias editoriais e seus serviços, para trazer ao público seu olhar crítico sobre a sociedade e os costumes, para praticar a pasquinagem, para expressar inspirações emocionais poéticas e até para promover a propaganda de seus anunciantes.

Tais textos versificados, se observados de um modo mais purista, nem poderiam ser considerados manifestações artísticas poéticas propriamente ditas e sim apropriações dos versos para um uso utilitarista. Nesse sentido houve até uma “esterilidade no aspecto artístico das poesias, nenhuma preocupação com estilo, métrica, escolas literárias e, certas vezes, nem com a própria gramática”. Assim, o que ocorreu, foi “uma utilização objetiva, direta e pragmática” do texto em versos, pois, o “que se pretendia era passar uma mensagem que, ritmada, permitia uma comunicação mais apelativa” (ALVES, 2001, p. 161).

Ainda assim, os versos tiveram uma importância muito grande na estrutura editorial da *Comédia* se fazendo presentes em praticamente todas as edições, conforme demonstrado no próximo gráfico, que apresenta o número de textos poéticos publicados em cada um dos números remanescentes do semanário:



Finalmente, ficou evidenciada a relevância do texto versejado para a *Comédia Social*. Ao publicar versos, a meta do hebdomadário era “chamar e/ou prender a atenção e, se possível, alojar-se na memória mnemônica do público leitor” de maneira que assim surtisse “em muitos momentos, um efeito mais imediato e incisivo que as longas matérias editoriais ou informativas”, normalmente editadas pelos diários, “constituindo-se, portanto, em excelente estratégia discursiva para os padrões de então” (ALVES, 2001, p. 161). Fosse de maneira editorial, crítica, caricatural, desafiadora, provocativa, artística ou utilitarista, à sua maneira, a *Comédia Social* contribuiu com a divulgação de textos poéticos junto à sociedade rio-grandense do final do século XIX.

Referências bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999.

ALVES, Francisco das Neves. Usos e abusos da poesia no contexto da imprensa rio-grandina: uma introdução ao tema. In: ALVES, Francisco das Neves; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre (orgs.). *História & literatura no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: FURG, 2001. p. 149-161.

ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002.

ALVES, Francisco das Neves. *Imprensa e caricatura no Rio Grande do Sul: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2010.

BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões. In: BOSI, Alfredo (org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 1996. p. 7-48.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura & linguagem: a obra literária e a expressão linguística*. 3.ed. São Paulo: Quíron, 1980.

CULLER, Jonathan. *Teoria literária: uma introdução*. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

EPSTEIN, Isaac. *Gramática do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. 8.ed. São Paulo: Ática, 1994.

KLOEPFER, Rolf. *Poética e linguística*. Coimbra: Almedina, 1984.

LEFEBVE, Maurice-Jean. *Estrutura do discurso da poesia e da narrativa*. Coimbra: Almedina, 1975.

LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

NUNES, Benedito. *A clave do poético*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Uma História da Literatura: periódicos, memória e sistema literário no Rio Grande do Sul do século XIX*. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2004 (Tese de Doutorado).

PÓVOAS, Mauro Nicola. *Fragments de história da literatura: relatos e resultados de uma pesquisa em Portugal*. In:

Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 47, n. 4, p. 356-364, out./dez. 2012.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1993.

SANT'ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D'O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

TAVARES, Hênio Último da Cunha. *Teoria literária*. 5.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação prenhe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



CIDH

Cátedra Convivida FCT / Infante Dom Henrique
para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE

ISBN: 978-85-67193-15-1



9 788567 119315